



Universidade Federal do Pampa

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA – CAMPUS JAGUARÃO
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM GESTÃO DE TURISMO**

**CROCHÊ JACQUARD: IDENTIDADE, MEMÓRIA E SÍMBOLO DO
EMPODERAMENTO FEMININO EM JAGUARÃO/RS**

HELORA ATAYDES DILELIO ÁVILA

Jaguarão
2018

HELORA ATAYDES DILELIO ÁVILA

**CROCHÊ JACQUARD: IDENTIDADE CULTURAL, MEMÓRIA E SÍMBOLO DO
EMPODERAMENTO FEMININO EM JAGUARÃO/RS**

Trabalho de Projeto Aplicado I apresentado ao Curso
Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo da
Universidade Federal do Pampa - Campus Jaguarão
Orientadora: Prof.^a Dra. Alessandra Buriol Farinha

Jaguarão
2018

Dedico esse trabalho à família, onde sempre estive meu ancoradouro, às mulheres artesãs, que são as verdadeiras protagonistas dessa pesquisa e exemplos de força, e à Marlene Dilelio (*in memoriam*), minha avó, que detinha também os conhecimentos de tecelagem herdados pela família, sendo um exemplo de mulher a ser citado. Mesmo que nosso contato se restrinja às memórias, sua presença em minha vida é constante, em forma de afeto, em forma de inspiração.

AGRADECIMENTOS

Durante minha trajetória na pesquisa foram muitas as pessoas que iluminaram meus caminhos e despertaram uma visão mais profunda sob minhas perspectivas do tema, tornando-se difícil me restringir a citar poucas. Dessa forma, me limitarei a destacar aquelas cujo envolvimento com esse trabalho foi mais direto.

Agradeço, inicialmente, aos meus pais que se fazem presentes em todos os momentos de minha vida, como figuras de amor, força e coragem, agindo como pilares de sustentação, estímulo e impulso para a conquista de meus sonhos. Obrigada por repassarem a mim seus valores e o desejo de contribuir, de alguma forma, para um mundo melhor. Dedico todo meu amor a vocês.

As minhas queridas amigas e amigos, que se fizeram presentes em todos os momentos dessa trajetória. Em especial, para Eduarda Costa. Obrigada, por todas as risadas, todo o carinho e toda a irmandade que compartilhamos uma com a outra. Também agradeço ao Eugenio Prego, por toda amizade, compreensão, estímulo, à Dalal Dawas, por ter sido uma querida companheira nessa trajetória e ao Marcelo Dreckmann, pela amizade, companheirismo e auxílio na elaboração desse estudo, ao qual iniciamos juntos.

Aos professores, todos sempre muito solícitos a repassar sua bagagem de conhecimentos, formando pessoas qualificadas e humanamente capacitadas a exercerem a função de gestor de turismo, profissão que lida com todas as esferas que constituem a sociedade. Em especial à Alessandra Farinha e Patrícia Severo, que deram asas às minhas ideias, sempre depositando muito estímulo e abrindo novas perspectivas em meu caminho. Serão sempre inspirações que levarei em todas as etapas de minha vida.

Agradeço à Vera Guimarães, pelas conversas e contribuições que serão de grande importância para o melhor resultado do estudo. À Vanessa Fischer, que, sempre muito solícita, também me orientou e auxiliou na análise do tema, me ajudando a desenvolver outras abordagens do mesmo.

Dedico um grande agradecimento a todas as artesãs que contribuíram com a realização da pesquisa, tanto na Economia Solidária, quanto na Associação Municipal dos Artesãos, onde apesar das dificuldades, se fizeram presentes nas entrevistas e observações de campo, compartilhando seus preciosos conhecimentos e colaborando de todas as formas para o bom resultado do trabalho.

Agradeço, em especial, a Sra. Vera Regina Ferreira, presidente da Associação Municipal dos Artesãos, com quem desenvolvi maior vínculo, por toda a disponibilidade, pelo estímulo e pelo conhecimento ao qual me sinto muito grata por ter recebido. À Sra. Cenilza Rodrigues Dreckmann, por ter pacientemente repassado seus saberes e o passo a passo de seu trabalho repetidas vezes para mim.

Por fim, agradeço a cada pessoa, artesão, estabelecimento e entidade que de alguma forma contribuíram para a realização do estudo e o alcance dos resultados dessa pesquisa.

Muito obrigada a todos.

RESUMO

A tecelagem em lã natural e a técnica de crochê Jacquard demonstram a herança cultural, a memória e a identidade das mulheres dos pampas. Os fluxos culturais, oriundos de diferentes etnias, contribuíram para sua composição, ao longo dos anos, tornando-a fruto híbrido e único na região. Sua produção ainda preserva os aspectos históricos de seu início, combinados à evolução social e ao espaço conquistado pela mulher artesã na sociedade atual. A pesquisa teve como principal intuito compreender os processos que tornam o Jacquard um símbolo da memória, da identidade e do empoderamento feminino no município de Jaguarão, localizado na região do sul do Rio Grande do Sul e fronteira com Rio Branco, Uruguai. Para tanto, irá demonstrar a representatividade do processo de Jacquard e suas especificidades, na formação da identidade cultural do município; entender como se dá o processo de transmissão da técnica entre as artesãs; salientar o empoderamento feminino a partir da produção desse artesanato; e identificar os benefícios socioeconômicos de sua prática. A metodologia empregada foi de abordagem qualitativa, natureza aplicada e quanto aos objetivos, apresenta caráter descritivo. Realizou-se procedimentos bibliográficos, observação de campo junto à produção do Jacquard e entrevistas, com perguntas semiestruturadas, feita a duas integrantes do grupo de artesãs “As Cardadeiras”, vinculado à Economia Solidária, a cinco artesãs da Associação Municipal de Artesãos e ao presidente da Cooperativa de Lãs Mauá. A análise qualitativa permitiu identificar que a relação das entrevistadas com a técnica vai além de questões comerciais, mas, principalmente, em função de sua importância na composição da identidade cultural das mulheres artesãs do município, na emancipação e no protagonismo feminino conquistado através de sua prática. Também foi possível vislumbrar os benefícios socioeconômicos que a técnica traz aos moradores locais. Devido a preocupação em relação à transmissão dos saberes e a elevação da autoestima das mulheres que trabalham com a técnica, considera-se necessária sua exposição e reconhecimento enquanto patrimônio cultural e imaterial eminentemente feminino.

Palavras-chave: Jaguarão. Cultura. Protagonismo Feminino. Memória.

RESUMEN

El tejido en lana natural y la técnica de crochet Jacquard demuestran la herencia cultural, la memoria y la identidad de las mujeres de las pampas. Los flujos culturales, provenientes de diferentes etnias, contribuyeron a su composición, a lo largo de los años, haciéndola fruto híbrido y único en la región. Su producción todavía preserva los aspectos históricos de su inicio, combinados a la evolución social y al espacio conquistado por la mujer artesana en la sociedad actual. La investigación tuvo como principal objetivo comprender los procesos que hacen del Jacquard un símbolo de la memoria, de la identidad y del empoderamiento femenino en el municipio de Jaguarão, ubicado en la región del sur de Rio Grande do Sul y frontera con Rio Branco, Uruguay. Para ello, demostrará la representatividad del proceso de Jacquard y sus especificidades, en la formación de la identidad cultural del municipio; entender cómo se da el proceso de transmisión de la técnica entre las artesanas; destacar el empoderamiento femenino a partir de la producción de esa artesanía; e identificar los beneficios socioeconómicos de su práctica. La metodología empleada fue de abordaje cualitativo, naturaleza aplicada y cuantos a los objetivos, presenta carácter descriptivo. Se realizaron procedimientos bibliográficos, observación de campo junto a la producción del Jacquard y entrevistas, con preguntas semiestructuradas, hecha a dos integrantes del grupo de artesanas "As Cardadeiras", vinculado a la Economía Solidaria, a las cinco artesanas de la Asociación Municipal de Artesanos y al presidente de la Cooperativa de Lãs Mauá. El análisis cualitativo permitió identificar que la relación de las entrevistadas con la técnica va más allá de cuestiones comerciales, pero, principalmente, en función de su importancia en la composición de la identidad cultural de las mujeres artesanas del municipio, en la emancipación y en el protagonismo femenino conquistado a través de su práctica. También fue posible vislumbrar los beneficios socioeconómicos que la técnica trae a los habitantes locales. Debido a la preocupación por la transmisión de los saberes y la elevación de la autoestima de las mujeres que trabajan con la técnica, se considera necesaria su exposición y reconocimiento como patrimonio cultural e inmaterial eminentemente femenino.

Palabras clave: Jaguarão. Cultura. Protagonismo Femenino. Memória.

LISTA DE SIGLAS

ARCO – Associação Brasileira de Criadores de Ovinos

EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INSS – Instituto Nacional do Seguro Social

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Mapa de localização de Jaguarão no Rio Grande do Sul.....	13
Figura 02 - Mapa de localização do Rio Grande do Sul em relação ao Rio da Prata.....	13
Figura 03 - Mapa da média efetiva de rebanhos de ovinos no Rio Grande do Sul 2013-2015	18
Figura 04 - Confeção de peça em crochê Jacquard.	20
Figura 05 - Boina feita em Jacquard pela Associação Municipal dos Artesãos.....	21
Figura 06 - Premiação das artesãs na 36ª Expointer.....	22
Figura 07 - Lã natural produzida na Cooperativa de Lãs Mauá.	43
Figura 08 - Bolsa confeccionada em Jacquard pela Associação Municipal dos Artesãos.	45
Figura 09 - Poncho confeccionado em Jacquard pela Associação Municipal dos Artesãos. ...	45
Figura 10 - Chaveiros no formato de boinas confeccionados em crochê.....	60

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. Contextualização: o contexto rural e a produção têxtil no RS	18
3. JACQUARD: HERANÇA CULTURAL, IDENTIDADE E MEMÓRIA	23
3.1. Transmissão do Jacquard: manutenção da identidade cultural	28
4. O JACQUARD E O EMPODERAMENTO FEMININO ATRAVÉS DO ARTESANATO	34
5. A VOZ DA ARTESÃ: RELATOS SOBRE O JACQUARD E O EMPODERAMENTO DA MULHER JAGUARENSE	40
5.1. Jacquard: Herança cultural e memória feminina	41
5.2. O Jacquard: as diferentes faces do empoderamento feminino em Jaguarão	49
5.3. Artesanato em Jacquard na perspectiva de um vetor socioeconômico	56
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65
Endereços Eletrônicos	68
Figuras	69
ANEXO	70

1. INTRODUÇÃO

A industrialização dos meios de produção afeta diretamente os costumes e fazeres da sociedade. Diante do advento da tecnologia, o homem, tornando-se apenas operador de máquinas nos processos de produção, acaba por ter sua bagagem cultural reduzida. As técnicas artesanais, que estão sendo substituídas pela mecanização desde o século XIX com a chamada “Revolução Industrial”, e perdendo assim seu espaço para práticas fabris, desprovidas de identidade.

A produção em grande escala, característica da mecanização, dificultou a permanência da tecelagem artesanal no mercado. Objetivando o alcance das metas de lucro em curto prazo, as peças confeccionadas na indústria passaram a ser padronizadas e carentes de personalidade, incorrendo em preços mais baixos e aumento de vendas. Assim, as práticas artesanais, dotadas de um processo natural de criação e, portanto, mais lento e carregado de técnicas específicas, tradição e identidade, encontram barreiras na comercialização de suas peças.

No Rio Grande do Sul, responsável por 91,4% da produção de lã nacional (IBGE, 2016), a ovinocultura teve sua origem vinculada à vinda dos espanhóis para a região do Rio da Prata, que divide os países Uruguai e Argentina, espalhando-se para o estado, através dos anos, devido às proximidades entre suas características geográficas. A tecelagem, já utilizada pelos povos indígenas, sofreu modificações ao entrar em contato com os fluxos culturais de outras etnias ao longo dos anos. A vinda dos jesuítas, trazendo os primeiros teares e a chegada dos imigrantes europeus, até o próprio convívio com países vizinhos nas áreas de fronteiras, contribuíram para a formação das técnicas de tecelagem atuais (CASTRO; BECKER; EGGERT, 2010).

A criação de ovinos para tosquia em Jaguarão, município situado no extremo sul do estado do Rio Grande do Sul, integrante dos pampas sulinos e fronteira com o município de Rio Branco, no Uruguai, destaca-se no estado, tendo apresentado uma produção média de 127 mil quilos de lã no ano de 2017 (IBGE, 2017). A Figura 01 mostra a localização de Jaguarão em relação ao estado. Já na figura 02, é demonstrada a proximidade do Rio Grande do Sul com o Rio da Prata, acima mencionado.

Figura 01 - Mapa de localização de Jaguarão no Rio Grande do Sul.



Fonte: Abreu (2006).

Figura 02 - Mapa de localização do Rio Grande do Sul em relação ao Rio da Prata.



Fonte: Kmusser (2010).

A tecelagem artesanal em lã natural representa, a partir dos dados coletados, uma atividade vinculada à memória cultural dos autóctones, sobretudo do gênero feminino, a qual salienta sua identidade rural. As técnicas de tecelagem artesanal em lã natural, predominantemente desenvolvidas por mulheres, simbolizam a herança cultural eminentemente feminina do município. Difundidos através das gerações, os procedimentos de trabalho da lã e confecção de peças se dá principalmente no meio rural, onde é desenvolvida como uma atividade domiciliar pelas artesãs.

Entretanto, o êxodo rural, que no Brasil intensificou-se entre os anos de 1960 e 1980, e a modernização dos ofícios implicaram no desgaste dos laços entre as novas gerações e os fazeres antigos. Ameaçada pelo esquecimento e desvalorizada pela falta de visibilidade e dificuldades de comercialização, surgiu a necessidade de seu registro como patrimônio cultural imaterial, a qual foi iniciada no ano de 2013, junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2018), e sendo reconhecida com o mesmo teor pela Câmara de Vereadores do Município, no ano de 2016.

Diante de tais circunstâncias, questiona-se, qual a representatividade da técnica artesanal em lã natural Jacquard como identidade, memória e forma de empoderamento das artesãs?

A pesquisa tem como objetivo geral compreender os processos que tornam o Jacquard um símbolo da memória, identidade e empoderamento feminino das artesãs do município de Jaguarão/RS. Enquanto objetivos específicos, buscará demonstrar a representatividade do processo de Jacquard, praticado pelas artesãs, e suas especificidades, na formação da identidade cultural do município; entender como se dá o processo de transmissão desta técnica entre os moradores locais; salientar o empoderamento feminino a partir da produção desse artesanato; e identificar os benefícios socioeconômicos da prática da técnica.

O artesanato em lã natural corresponde a uma prática integrante do conjunto cultural do município. Ele relata em si tanto a passagem das diferentes etnias que o compuseram, quanto a ascensão da mulher no mercado como artesã e sua conquista de reconhecimento pelo seu trabalho, além de transmitir a identidade rural do município e as raízes de suas tradições na lida campeira.

Considerando os conceitos de patrimônio imaterial e identidade cultural, a técnica apresenta aspectos que confirmam sua importância enquanto parte do conjunto cultural da cidade. Assim, os registros sobre esta técnica representam uma forma de preservação e manutenção, evitando o desaparecimento por meio do esquecimento, e garantindo maior valorização para o trabalho das artesãs e para o município.

O artesanato permite aos artesãos um ofício gerador de renda, que pode ser utilizado como *souvenir* e, através do turismo, ter sua demanda melhor incorporada no comércio local. Contribui ainda para a melhor circulação de renda no município, uma vez que integra a produção de lã de pequenos produtores locais. Sua confecção leva também à interação social e convívio entre os artesãos.

Em relação à sustentabilidade ambiental, a produção não provoca impactos causados pela indústria ao meio ambiente, uma vez que sua confecção é manufaturada e não utiliza

aditivos químicos, nem maquinário industrial. Assim, o incentivo à essa atividade pode propiciar uma nova sensibilidade com relação ao consumo e ao uso da natureza como recurso renovável.

Nota-se ainda a importância da sensibilização da população local em relação à manutenção da técnica enquanto memória. Na coleta de dados, foi possível perceber o entusiasmo e a representatividade da prática do artesanato para as artesãs. Sua produção demonstra mais do que comércio e profissão; é a forma de expressão de mulheres, outrora reprimidas no convívio familiar por não serem economicamente ativas, que através da confecção das peças, brandam seu grito de liberdade e empoderamento. Este é entendido como instrumento ao qual a mulher se utiliza para enfrentar a opressão de gênero, que age ainda como um processo de mudança individual onde a percepção do contexto social onde está inserida é reavaliada, e pode ser identificado nos resultados e análises das entrevistas.

Ademais, apresento como motivação externa para a realização da pesquisa a busca por maior compreensão de minhas origens através de minha avó, tecelã que fabricava seus próprios teares e confeccionava peças para suprir as necessidades domiciliares e para comercialização, até mesmo em outros estados. Assim, entendo este estudo como um meio para o autoconhecimento, proporcionando, por meio análise do tema, uma jornada para a ressignificação de minhas próprias memórias afetivas.

A metodologia empregada na construção da pesquisa, quanto aos objetivos, possui caráter descritivo, buscando compreender e registrar os principais aspectos da técnica Jacquard, utilizada no processo de confecção das peças. “As pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 2008, p. 28).

Com relação à técnica de coleta de dados, foi realizada uma pesquisa de caráter bibliográfico, onde utilizou-se artigos e livros em materiais virtual e impressos, a respeito da constituição da herança cultural, memória e identidade, a necessidade de preservação dos bens culturais e a relação entre o ofício de artesanato e o empoderamento feminino. Segundo Gil (2008, p. 69), “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.”

Também foram utilizados os materiais teóricos, fontes e dados coletados durante o componente de História e Cultura de Fronteira¹, onde realizou-se a primeira abordagem do tema proposto em forma de artigo acadêmico de conclusão do componente curricular. Citaram-se, ainda, conceitos e autores, na abordagem do conceito de herança cultural, trabalhados no componente de Turismo Cultural e Museus², onde também foi redigido um resumo expandido sobre o tema.

Foi feita observação de campo entre os anos de 2017 e 2018 durante a confecção de peças na residência de uma das artesãs, bem como na Associação Municipal dos Artesãos, durante a realização do curso de Jacquard. De acordo com Marconi e Lakatos (2010, p. 275), “não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar”. Desse modo, o contato e a observação das artesãs de Jacquard permitiu uma visão mais profunda de sua organização e relação emocional com a execução do ofício, traçando uma análise de aspectos sociopsicológicos aos quais se identificaram através desse método. Também foram realizados registros fotográficos em tais momentos.

Empregou-se, também, uma entrevista semiestruturada a duas integrantes do grupo de artesãs em lã natural “As Cardadeiras”, empreendimento membro da Casa da Economia Solidária de Jaguarão e às artesãs que atuam junto à Associação Municipal dos Artesãos e ao presidente da Cooperativa de Lãs Mauá. As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas. A importância da pesquisa a campo para Gil (2008, p. 57), se dá da seguinte maneira: “como consequência, o planejamento do estudo de campo apresenta uma maior flexibilidade, podendo ocorrer mesmo que seus objetivos sejam reformulados ao longo do processo de pesquisa.”. Utilizaram-se, ainda, dados coletados a partir de conversas informais com os entrevistados.

A pesquisa bibliográfica foi constituída sobre os temas Cultura, utilizando-se o conceito do autor Raymond Williams; Memória e Identidade, por Joel Candau; Preservação de Bens Culturais, trabalhado por Fábio Cerqueira; e Empoderamento Feminino, abordado por Magdalena León e Ana Elizabeth Siqueira.

A pesquisa foi estruturada de forma a apresentar, primeiramente, as informações essenciais para imersão do leitor no contexto do objeto estudado. Na segunda parte, encontram-se as fontes teóricas que fornecem suporte ao tema da pesquisa, tais como a

¹ Ministrado no ano de 2017 pela Profa. Dra. Alessandra Buriol Farinha como componente do curso de Tecnologia em Gestão de Turismo.

² Ministrado no ano de 2017 pela Profa. Ma. Alice Leoti Silva como componente do curso de Tecnologia em Gestão de Turismo.

herança cultural, a identidade e a memória; a transmissão do Jacquard como forma de manutenção da identidade cultural; e o empoderamento feminino através do artesanato.

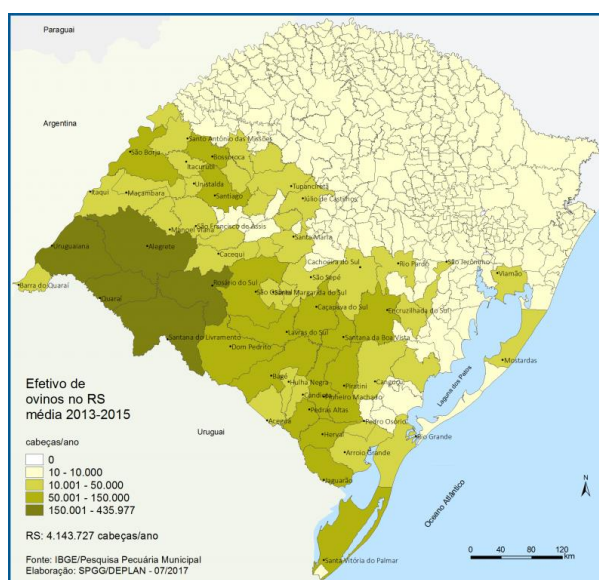
Os resultados da pesquisa, bem como as análises estão dispostas na terceira parte, onde são examinados os principais dados e relatos coletados, divididos em tópicos que contemplam o Jacquard como patrimônio cultural, memória e identidade feminina do município; ferramenta de empoderamento e protagonismo feminino; e a identificação dos benefícios socioeconômicos da técnica.

Por fim, as considerações finais demonstram as colaborações da pesquisa para a comunidade local, através de sua preservação enquanto bem cultural, e as principais reflexões sobre as constatações feitas a partir da análise do Jacquard como forma de emancipação da mulher e firmador da identidade feminina jaguareense.

2. Contextualização: o contexto rural e a produção têxtil no RS

A produção lanífera no Brasil tem sua concentração na região sul, responsável por 98,8% de toda lã produzida no país, sendo 91,4% no estado do Rio Grande do Sul (IBGE, 2016). As cidades gaúchas de maior produção se localizam na região da campanha, próximo à fronteira, sendo as quatro primeiras, respectivamente, Sant'Ana do Livramento, Alegrete, Quaraí, Uruguai e Rosário do Sul. A figura 03 indica a média efetiva de rebanhos de ovinos no estado pela estimativa entre 2013 e 2015 do Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul.

Figura 03 - Mapa da média efetiva de rebanhos de ovinos no Rio Grande do Sul 2013 - 2015.



Fonte: Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul (2017).

A ovinocultura foi introduzida no Rio Grande do Sul através da chegada de espanhóis, que trouxeram os primeiros rebanhos para povoar a região do Rio da Prata, que eram criados livres no campo e sem assistência humana (VIANA; WAQUIL; SPOHR, 2010). Esse fator tende a sugerir uma razão pela qual a produção lanífera se desenvolveu principalmente nas cidades próximas às fronteiras. De acordo com os autores, durante o século XVIII, a ovinocultura tinha como principal propósito o suprimento de peles e pelegos para confecção de peças de montaria. A lã também começava a ter como finalidade a produção de roupas e cobertores para uso doméstico.

No século seguinte, as expansões na criação de ovinos continuavam, e a partir dos anos de 1900 houve uma ascensão no mercado mundial da lã. Durante a primeira guerra

mundial, a procura pela lã aumentou em função de uso em materiais bélicos, fazendo com que países europeus passassem a importá-la da Argentina e Uruguai, em locais próximos à fronteira com o Rio Grande do Sul, que por sua vez, revendia sua produção ao Uruguai (OLIVEIRA, 2012).

Posteriormente, estimulados pelo mercado internacional aquecido, a produção lanífera cresceu e em 1942 fundou-se a Associação Riograndense de Criadores de Ovinos (ARCO). Também foi o período de contenção da sarna ovina, doença que assolava os rebanhos até então (ARCO, S/d). A produção de lã cresceu consideravelmente até os anos de 1960, atuando como maior riqueza da fronteira. Denominada “Ouro branco”, compunha o quadro das exportações mais importantes do estado (BOFILL apud. VIANA; WAQUIL; SPOHR, 2010).

Nas décadas seguintes, o plantio de arroz e a soja, cujo rendimento econômico era 50% maior, acarretou na diminuição das terras que antes se destinavam à criação de ovinos. (OLIVEIRA, 2012). Com a queda dos investimentos do governo e a crise internacional da lã em 1980, os esforços concentrados na ovinocultura reduziram-se ainda mais (VIANA; WAQUIL; SPOHR, 2010).

Desse modo, os gaúchos começaram a investir em raças de ovinos de duplo propósito (carne e lã), passando a comercializar uma quantidade maior de carne ao invés de lã. (VIANA; WAQUIL; SPOHR, 2010). Ainda assim, o panorama atual da produção lanífera no Rio Grande do Sul passa pela reestruturação e o mercado volta a se reaquecer.

Diante de uma identidade rural constituída, em parte, pela utilização da lã como matéria prima, surgiram no estado técnicas para seu aproveitamento, a qual destaca-se a tecelagem. Sua origem no Rio Grande do Sul provém do período colonial. Trançando fibras e algodão, as mulheres indígenas habitantes da região já confeccionavam tecidos a partir da tecelagem. Com a chegada dos Jesuítas, por volta do século XVII, foram introduzidos os primeiros teares, ensinando a técnica da tecelagem também em lã ovina. Tal prática, exercida apenas pelas mulheres, permitia a confecção de peças de vestuário e de utilização doméstica, cujo pouco excedente era comercializado nas cidades de Porto Alegre e Rio Grande. (CASTRO; BECKER; EGGERT, 2010).

Os autores afirmam que, com a chegada dos primeiros imigrantes alemães e italianos no estado, que exerciam ofícios artesanais, as produções, inicialmente domésticas, foram expandidas ao nível comercial. Aos poucos, começou a se originar a indústria têxtil gaúcha. O município de Jaguarão, ao qual se aplica a pesquisa, está localizado no bioma pampa, Rio Grande do Sul, fazendo fronteira com Rio Branco, no departamento de Cerro Largo, Uruguai. Apresenta uma população de aproximadamente 28 mil habitantes (IBGE, 2010) e possui,

segundo resultados preliminares de pesquisas realizadas em 2017 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 199.115,814 hectares destinados a estabelecimentos agropecuários.

Com um rebanho de aproximadamente 53 mil ovinos, a produção lanífera de Jaguarão, 20ª maior do estado, alcançando uma quantidade de 127.647 kg de lã no último ano (IBGE, 2017). A criação de ovinos, como atividade pecuária comum no município, resulta na disponibilidade de matéria-prima, de forma a também ser utilizada na confecção de peças por tecelagem.

O Jacquard, técnica de crochê em lã natural³, é uma prática oriunda do município, cuja transmissão se dá entre as gerações femininas das famílias locais. Sem auxílio de máquinas industriais e aditivos químicos, a técnica se inicia a partir do trabalho com o velo da ovelha, ao qual a lã é lavada, secada, aberta, cardada, fiada e tingida com elementos naturais, como erva-mate, casca de cebola, marcela e beterraba. Por fim, confeccionam-se as peças com a técnica de Jacquard, realizada manualmente, que é descrita pelas entrevistadas como um crochê em ponto baixo e carreira de ida trabalhado em duas ou mais cores.

Abaixo, a figura 04 demonstra a artesã confeccionando uma peça em crochê Jacquard, onde são utilizadas duas cores de lã.

Figura 04 - Confeção de peça em crochê Jacquard.



Fonte: Do autor (2018).

O termo Jacquard, conforme pesquisado, faz alusão ao inventor francês do tear mecânico, Joseph-Marie Jacquard, embora a técnica de crochê mencionada não tenha origem

³ As descrições sobre a técnica foram coletadas no decorrer da pesquisa de campo junto ao grupo de artesãs “As Cardadeiras” e à Associação Municipal de Artesãos, em entrevistas e conversas informais.

relacionada. Sua procedência ainda não é conhecida, entretanto, segundo as entrevistas realizadas, há relatos de freiras francesas que, ao instalarem-se no município, teriam a repassado às mulheres locais. Outra possibilidade cogitada é que a técnica tenha sido criada por tecelãs da região. (N.P.O., artesã e ministrante dos cursos de Jacquard, membro da Associação Municipal dos Artesãos, entrevistada no dia 24 de setembro de 2018). Na figura 05, mostra-se uma boina, acessório característico da região, confeccionada em crochê Jacquard pelas artesãs da Associação Municipal dos Artesãos, onde se percebe a utilização de lãs em duas cores.

Figura 05 - Boina feita em Jacquard pela Associação Municipal dos Artesãos.



Fonte: Acervo da autora (2018).

A confecção do Jacquard não é exclusiva do município, mas seu principal diferencial está no trabalho completo desempenhado pelas artesãs, desde o preparo da lã de forma inteiramente natural. A técnica é realizada por artesãs da Associação Municipal dos Artesãos, e na Economia Solidária de Jaguarão, totalizando, segundo os registros coletados junto à Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Governo do Rio Grande do Sul (EMATER-RS), em Jaguarão, 12 profissionais atualmente vinculadas à sua produção. Exposto em diversas feiras, as peças em Jacquard já renderam diversos prêmios pelo seu trabalho inédito na região e produções em conjunto com outras associações do estado.

A Associação Municipal dos Artesãos, fundada em 04 de Setembro de 2004, por uma artesã, teve como objetivo a articulação e o auxílio aos artesãos em relação ao mercado e às reivindicações políticas. Já a Economia Solidária, que abriga um grupo de artesãs em lã natural proveniente da Associação Municipal dos Artesãos, “As Cardadeiras”, busca, por definição, a propriedade coletiva e o direito à liberdade individual. Dessa forma, proporciona

importante auxílio na produção e comercialização das peças do grupo. Conforme Singer (2013, p. 10), “A aplicação desses princípios une todos os que produzem numa única classe de trabalhadores que são possuidores de capital por igual em cada cooperativa ou sociedade econômica”.

Abaixo, a figura 06 mostra a premiação das artesãs no 10º Concurso Estadual de Artesanato em Lã e Peles Ovinas, durante a 36ª Expointer, no ano de 2013, ao qual, dentre as peças vencedoras, haviam confecções em Jacquard.

Figura 06 - Premiação das artesãs na 36ª Expointer.



Fonte: Associação Municipal dos Artesãos (2013).

3. JACQUARD: HERANÇA CULTURAL, IDENTIDADE E MEMÓRIA

Conforme dito, a técnica do jacquard, de certa forma, representa a cultura campeira da região, são objetos que, desde a matéria-prima, passando pela técnica de preparação do material, tingimento, planejamento das peças, elaboração e finalização das mesmas, expressa a identidade social local. E essa técnica foi transmitida pela memória geracional, familiar, entre mulheres do campo e atualmente, na zona urbana de Jaguarão. São as características históricas, sociais, geográficas que vão moldar, caracterizar os costumes, as tradições locais, e também a memória e o patrimônio da comunidade. A construção da identidade está diretamente vinculada à interpretação das memórias.

Se identidade, memória e patrimônio são ‘as três palavras-chave da consciência contemporânea’ - poderíamos, aliás, reduzir a duas se admitimos que o patrimônio é uma dimensão da memória -, é a memória, podemos afirmar, que vem fortalecer a identidade, tanto no nível individual quanto no coletivo: assim, restituir a memória desaparecida de uma pessoa é restituir sua identidade (CANDAU, 2011, p. 16).

De acordo com o autor, sobre a relação entre memória e identidade, é possível compreender que ambas são indissociáveis, uma vez que “Não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente” (CANDAU, 2011, p. 19). Sobre a criação de memórias coletivas, o autor cita ainda:

Não pode haver construção de uma memória coletiva se as memórias individuais não se abrem umas às outras visando objetivos comuns, tendo um mesmo horizonte de ação. Isso é evidentemente mais fácil em grupos menores, como, por exemplo, as famílias. (CANDAU, 2011, P. 48).

Através do compartilhamento de memórias, a construção de identidades coletivas incide na expressão cultural dos grupos. Difundidas de geração em geração, as heranças culturais proporcionadas pelas mulheres do campo, representam ainda hoje uma memória coletiva, que promove a afirmação identitária feminina no município, enfatizando os aspectos rurais de sua formação social.

Candau (2011) lembra ainda que o compartilhamento da memória individual na construção da coletiva permite sua reestruturação e modificação através dos acréscimos, seleções e eliminações estabelecidas em conjunto. Assim, a memória, que em seu estado pessoal apresenta singularidades próprias, forja-se, em seu viés coletivo, da compilação e

adaptação de todas essas especificidades. A técnica, partilhada entre as mulheres ao longo das gerações, apresenta várias versões resultantes das adaptações e incrementação de especificidades. Nos grupos de artesãs, a construção de uma memória coletiva a partir das heranças individuais moldaram sua aplicação atual.

O sociólogo Raymond Williams (2011) aborda o conceito de cultura apresentando suas três dimensões: antropológica, sociológica e estética. No contexto antropológico, a visão geral de cultura, valorada por atividades intelectuais e elitistas, é quebrada. O conceito está diretamente relacionado ao “modo de vida” e todos os fazeres e saberes do homem, o que nega sua redução à puramente artística, e estende a equivalência do conceito a toda diversidade étnica e social em seus particularismos.

A técnica de Jacquard, realizada pelas mulheres jaguarenses, teve sua formação através da transferência de saberes. Ensinada ao longo das gerações, carrega os conhecimentos antigos sobre atividades de domínio feminino, caracterizando seu modo de vida. Salvaguardada pela visão antropológica, a confecção das peças, inicialmente vista como um simples ofício doméstico feminino, sem qualquer relevância cultural, passa a ser englobada pelo conceito.

Na visão sociológica, cultura refere-se à produção e o consumo de atividades culturais pelo qual se conhecem os grupos sociais. Essa interpretação do conceito traz a perspectiva de comercialização e de indústria cultural, passando esta a ser considerada como um bem de consumo. A sociologia percebe o conceito de cultura como o “sistema de significações mediante o qual necessariamente (se bem que entre outros meios) uma dada ordem social é comunicada, reproduzida, vivenciada e estudada” (WILLIAMS, 2011, p. 13). A cultura adquire assim um valor de expressão e contato entre aquele que a produz e aqueles que a contemplam.

Não apenas pela comercialização, o artesanato em Jacquard representa uma ferramenta de conhecimento e análise de grupos sociais. Sua confecção reflete em si as conquistas alcançadas por suas artesãs ao longo dos anos de sua criação, bem como abriga marcas dos fluxos culturais a qual agregou a partir do contato com outros povos. Já na sua utilização estética, está relacionado às Belas Artes, como pintura, música, teatro, entre outros; trazendo, ao conceito, a expressão do criador na obra criada.

Cultura pode ser entendida ainda como estritamente a produção cultural intelectual e elitista na qual se deve dominar conhecimentos específicos e inacessível às baixas camadas socioeconômicas. Como no caso do sentido estético, que apesar da ligação com a técnica não ser explícita, os aspectos da moda, o desenho das peças, a montagem da composição de cores

e mesmo o próprio fazer artesanal denotam relações com o conceito, permitindo, principalmente, a expressão da artesã através da confecção.

[...] há certa convergência entre os sentidos antropológico e sociológico de cultura como ‘modo de vida global’ distinto, dentro do qual percebe-se, hoje, um ‘sistema de significações’ bem definido não só como essencial, mas como essencialmente envolvido em todas as formas de atividade social, e o sentido mais especializado, ainda que também mais comum, de cultura como ‘atividades artísticas e intelectuais’[...] (WILLIAMS, 2011, p. 13).

De um lado (sociológico e antropológico), o conceito de cultura estabelece a compreensão dos diferentes estilos de vida e sua expressão através de fazeres e saberes, envolvendo, assim, toda forma sociável, caracterizado pelo coletivo de um grupo. De outro (estético), apresenta-se como puramente ligada às artes e ao intelecto, embora atualmente, contemplando também todos os fazeres considerados significativos, que envolvem desde a filosofia, até mesmo, a moda e a publicidade.

Os fluxos culturais, advindos do contato entre os povos e diferentes culturas, fator decorrente em especial pela globalização, provocam intercâmbios de aspectos étnicos e culturais de diferentes regiões do mundo. Como consequência, um novo conjunto de significados envolve tais fazeres e saberes culturais, resultando em uma nova apresentação híbrida e modificada.

A noção de fluxos culturais, segundo Hannerz (1997), traçam duas problemáticas. A primeira, diz respeito à relação entre a origem e a direção a qual o fluxo toma. Lembra da predominância etnocentrista dos fluxos oriundos das regiões centrais, que compreenderiam a Europa e a América do Norte em relação aos demais países, bem como sua permanência em sua cultura. Entretanto, mesmo nesses países, os contrafluxos são notados e reflexos da globalização.

Seu segundo ponto de análise refere-se ao tempo e ao processo. A ideia de fluxo subentende a ação do movimento e, ainda, a visão, tanto de grandes correntezas, até pequenos riachos. Considerando tais aspectos, a análise do termo fluxo abrange vários sentidos e meios de manifestação. “O que a metáfora do fluxo nos propõe é a tarefa de problematizar a cultura em termos processuais, não a permissão para desproblematizá-la, abstraindo suas complicações” (HANNERZ, 1997, p. 15).

A valorização do patrimônio pressupõe sua abordagem como um bem cultural mundial, uma vez que entre os principais aspectos que o compõem, podem se expressar diversas etnias, oriundas de saberes diversos e plurais. Conforme a Declaração Universal

sobre a Diversidade Cultural, o intercâmbio entre as culturas estimula o respeito entre os povos, além de ser uma expressão do homem e seu modo de interpretar o mundo.

Toda criação tem suas origens nas tradições culturais, porém se desenvolve plenamente no contato com outras culturas. Esta é uma razão pela qual o patrimônio, em todas as suas formas, deve ser preservado, realçado e transmitido às gerações futuras como testemunho da experiência e das aspirações humanas, a fim de nutrir a criatividade em toda a sua diversidade e inspirar um verdadeiro diálogo entre as culturas. (UNESCO, 2002, p. 4).

Visualizando a importância dos fluxos culturais na constituição da bagagem cultural dos povos, considera-se necessária sua preservação, a fim de manter vivas suas memórias e imprimir os ideais de respeito e igualdade entre as diversas culturas. Reforçando a ideia, Cerqueira (2012) comenta sobre o patrimônio cultural como fonte de criatividade:

[...] não somente porque a criação se origina no enraizamento em suas tradições próprias, mas, sobretudo, porque criar inspira-se e renova-se no contato com o diferente, com as outras culturas. Daí a necessidade de se preservar as várias formas do patrimônio, testemunhos dos anseios humanos (CERQUEIRA, 2012, p. 50).

No que tange à técnica, é possível relacionar a ideia de fluxos culturais provenientes da globalização com os relatos obtidos durante as entrevistas, onde as artesãs demonstram as modificações derivadas dos avanços tecnológicos, novos detalhes que foram acrescentados em relação ao preparo da lã, além da evolução dos conceitos de moda. Dessa forma, percebe-se que a globalização envolve de diferentes formas os bens culturais. A manutenção do Jacquard enquanto memória não pressupõem sua conservação imutável, reduzindo-se à um aspecto puramente histórico, mas sim a preservação de sua essência aliada ao aprimoramento necessário para que este acompanhe o desenvolvimento das sociedades em que se insere e permaneça incluído efetivamente no modo de vida atual desses grupos.

Conforme Krzysztof Pomian, citado por Assmann (2011):

A história da construção da herança cultural é definida por uma sequência de rupturas: mudanças de crenças coletivas, modos de vida, reviravoltas tecnológicas, propagação de novos estilos de vida que substituam estilos antigos. Cada ruptura remove certas classes de artefatos de suas funções e as direciona para o lixo, para o abandono e o esquecimento (POMIAN, apud ASSMANN, 2011, p. 58).

Os bens culturais em sua apresentação atual provem da fusão de diversos aspectos acrescentados e/ou eliminados ao longo de sua formação. A evolução da sociedade manifesta-

se através de seus saberes e fazeres, sendo sua modificação não uma forma de desagregação de seu valor enquanto herança cultural, mas de ressignificação de sua existência, acompanhando as alterações no modo de vida dos grupos a qual pertence.

Tais ocorrências repercutem na representação direta e constante da identidade cultural em todos os tempos em que se expressa, adaptando-se à modernização e a novos conceitos. Assim, os bens culturais, volúveis, continuam presentes como parte da vida das pessoas que os preservam. Entretanto, com a eliminação das partes substituídas, ocorre também seu abandono e esquecimento, acarretando na perda de sua personalidade. Conseqüentemente, sua forma inicial é perdida e com ela, sua visualização original.

Ao longo da interpretação da técnica de Jacquard como herança cultural, é possível perceber que suas modificações, sofridas em resultado ao contato com diferentes etnias pelas quais passou, moldaram a forma hoje utilizada pelas artesãs. Nota-se sua participação constante no modo de vida das mulheres que o produzem, acompanhando sua evolução social ao longo dos anos, e ainda, atuando como chave para sua presença no mercado.

Ainda assim, a transmissão da memória com suas modificações acarretou na perda de alguns aspectos presente na sua forma original. Logo, apesar de sua adaptação ao contexto atual das artesãs, o Jacquard, como todo bem cultural herdado, não permite uma visualização inteira de seu processo de composição, mas ainda demonstra, em seu cerne, a representatividade cultural da tecelagem em lã natural como Jacquard para a mulher artesã jaguareense, correspondendo à uma especificidade da população local.

Os aspectos híbridos da fronteira Jaguarão/Rio Branco configuram uma fonte cultural. Entretanto, sua pouca visibilidade e incentivo à preservação resultam em seu desconhecimento, tanto para os próprios moradores locais, quanto para turistas que visitam a região. Assim, o fluxo turístico nos municípios tem como foco turístico principal o segmento de compras, cujo atrativo reconhecido pelos turistas são os *free shops*⁴.

Ao estabelecer os contornos de uma paisagem cultural, a outorga de valor patrimonial nacional favorece o aproveitamento desta área para o desenvolvimento da atividade turística em outras dimensões, ultrapassando a dimensão econômico do turismo de compras que caracteriza de modo geral as cidades de fronteira Brasil-Uruguai. A certificação apresenta ainda como potencialidade a valorização da cultura local, assim como os sujeitos responsáveis pelos saberes e fazeres e pela configuração da paisagem chancelada, estimulando a relação harmoniosa homem-meio (COSTA e GASTAL, 2010, p. 13).

⁴ Lojas que vendem produtos importados livres de impostos. A maior parte dos turistas que visitam Jaguarão tem como principal objetivo usufruir do turismo de compras nesta fronteira.

Entende-se, neste contexto, que a preservação da técnica como patrimônio cultural imaterial da cidade pode contribuir para a valorização e a identificação dos autóctones e seu modo de vida, sua memória, sua identidade. Sua riqueza histórica permite maior conhecimento sobre a formação étnica da população e sua identidade, sendo assim a herança de uma memória a qual se deve manter viva.

3.1. Transmissão do Jacquard: manutenção da identidade cultural

A memória constitui o alicerce das formações sociais humanas. Sua transmissão garante a propagação e existência ao longo das gerações de aspectos que regem o modo de vida em grupos. De acordo com Candau (2011), esse processo garante que toda a estrutura já existente na sociedade atual se mantenha, pois em sua ausência se perde tanto a socialização, quanto a educação, e se impede também a existência de uma identidade cultural.

Se o homem não é um 'homem nu', mas um ser social, se ele pode ignorar a cifra de um ou dois milhões de neurônios que perde quotidianamente a partir dos 30 anos, é porque a transmissão contínua de conhecimentos entre gerações, sexo, grupos, etc. lhe permite aprender tudo ao longo de sua vida, e ao mesmo tempo, vem satisfazer seu instinto epistêmico (CANDAU, 2011, p. 106).

Desde as primeiras organizações sociais humanas, os saberes e fazeres são compartilhados e repassados pelas gerações, garantindo sua propagação. A transmissão da memória permite sua preservação e manutenção. Sem essa difusão de conhecimento, a evolução não seria possível, o homem começaria do zero a cada geração. Assim, através da memória compartilhada, os conhecimentos se acumulam, permitindo que então, suas gerações posteriores, possam reestruturá-la, reconstruí-la e ressignificá-la, resultando em seu avanço e adaptação.

Como cita ainda Candau (2011, p. 106), “em um mesmo grupo, essa transmissão repetida várias vezes em direção a um grande número de indivíduos estará no princípio da reprodução de uma dada sociedade”. A memória é o alicerce das sociedades humanas. Ela, ao ser compartilhada, passa a moldar a existência do homem, forjando assim, sua identidade.

Tal processo ocorre com o Jacquard, que tem sua manutenção enquanto memória coletiva através da transmissão, sofrendo adaptações e reconstituindo-se a cada mudança em seu contexto temporal, social, econômico e cultural. As modificações contribuíram para torná-

la cada vez mais compatível com o modo de vida atual das artesãs, permitindo sua atuação constante na rotina de quem a produz, e não apenas como uma alegoria das gerações passadas.

No entanto, essa transmissão jamais será pura ou uma ‘autêntica’ transfusão memorial, ela “não é assimilada como um legado de significados nem como a conservação de uma herança”, pois, para ser útil às estratégias identitárias, ela deve atuar no complexo jogo da reprodução e da invenção, da restituição e da reconstrução, da fidelidade e da tradição, da lembrança e do esquecimento. (CANDAUI, 2011, p. 106).

A autenticidade trata-se de um pensamento utópico ao se referir à memória. Nada se mantém intacto e exatamente igual. O processo de compartilhamento acarreta, como visto, em adaptações e modificações, que dizem respeito aos mais variados aspectos, de cunho material ou sentimental, fazendo com que as técnicas se encaixem naquele que a reproduz. Como o autor ressalta ainda, a ausência de aplicação da memória no presente ocasiona uma perda de significado, reduzindo-a a uma memória histórica, meramente objetivada, que já não integra mais a forma de vida de seus receptores. Consequentemente, a memória não aplicada, que não demonstra utilização no cotidiano, é recorrentemente mais propensa a ser esquecida.

Dessa maneira, considera-se impossível a reprodução exata da memória. Suas expressões, significados e métodos de aplicação são resultado da compreensão de quem a recebe, variando como uma impressão pessoal. Também em função do fazer, que adere em si as marcas do produtor.

Sendo a cultura uma forma de expressão do modo de vida de quem a produz, em consideração à sua dimensão antropológica, citar a “autenticidade” como sua reprodução exatamente igual é inviável e remete a uma ideia falsa automaticamente, por não estar cumprindo com seu dever de expressão, uma vez que o produtor estaria apenas reproduzindo a expressão de outrem, bem como não estará demonstrando a forma de vida daquele produtor.

A transmissão da memória atua como ferramenta para a constituição pessoal dos métodos de reproduzi-la. Ela deve permitir ao receptor subsídios para mesclar o já existente ao novo, ressignificado, reconstruído e reinventado. Cerqueira (2012, p. 42) complementa que “[...] a memória se conserva e se transmite sobre diversos suportes, precisando se recorrer a diversas técnicas e metodologias de pesquisa [...]”. Assim, adequar os métodos de preservação da memória é fundamental para garantir sua propagação. Deve-se considerar que uma preservação eficaz depende do entendimento sobre as peculiaridades de cada memória.

Em relação ao artesanato em lã natural, é possível considerar a análise de Cerqueira (2012), sobre os aspectos do material, que leva à concretização da memória coletiva por meio de objetos tangíveis, aqui aplicando-se a peça confeccionada artesanalmente; e os aspectos imateriais, que permitem a interpretação das relações entre as manifestações simbólicas e a formação das identidades culturais, condizente com a técnica de artesanato em si. Dessa forma, como cita ainda o autor a respeito das diversas formas que adquirem os bens culturais:

Nesta medida, pelo quanto de diferente que estas formas de patrimônio conservam, com relação às tendências homogeneizadoras contemporâneas das formas materiais de vida, valoriza-se ainda mais o registro e a preservação de depoimentos orais, que deem conta das formas populares da arquitetura, que tendem a desaparecer. (CERQUEIRA, 2012, p. 44).

A técnica do artesanato em lã natural Jacquard é transmitida atualmente de forma oral e observacional durante cursos de formação na Casa do Artesão ou, ainda, dentro do próprio círculo familiar das artesãs. O registro de um bem cultural ocorre quando o risco de seu desaparecimento é verificado. Registrar a técnica do Jacquard, a memória que existe sobre os antigos teares é uma forma de preservação, uma medida necessária para evitar sua perda no esquecimento, muito mais provável enquanto bem cultural transmitido oralmente do que quando comparado aos materiais ou transmitidos de maneira escrita.

A Declaração Universal sobre Diversidade Cultural elaborada pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), discorre sobre a importância da preservação do patrimônio em função da manutenção dos direitos da pessoa humana.

A defesa da diversidade cultural é um imperativo ético, inseparável do respeito à dignidade da pessoa humana. Ela pressupõe o compromisso de respeitar os direitos humanos e as liberdades fundamentais, em particular os direitos das pessoas que pertencem a minorias e dos povos indígenas. (UNESCO, 2002, p.3).

Observando-se a diversidade cultural como forma de expressão e liberdade dos povos, sua preservação influi na proteção dos direitos humanos, em especial, como citado, das minorias, que durante muitos períodos da história sofreu opressão sociocultural e teve, assim, sua bagagem cultural ameaçada pela ausência de medidas de proteção.

O Jacquard, como ofício e memória feminina, configura um patrimônio cultural imaterial. Como representante da construção cultural da mulher jaguareense, resguarda os resquícios de suas lutas sociais e emancipação. Sua propagação emana a dignidade das

mulheres artesãs como pessoas humanas e protagonistas da constituição de sua identidade, devendo assim ser preservado e mantido.

Ressaltando a necessidade da classificação e preservação dos bens culturais imateriais, Cerqueira (2012) demonstra, como forma de salvaguardá-los, ações de investigação, identificação, catalogação, valorização, proteção, visibilidade e documentação. Também, e principalmente, sua transmissão de modo formal e informal, além de revivê-lo realçando suas particularidades.

As mulheres jaguarenses, ao repassar a técnica de Jacquard e praticá-la através de diversas gerações, preservam o que representa não apenas uma herança cultural no município, mas principalmente um marco em sua trajetória social, uma forma de expressão e voz. Reprimidas pela injusta configuração da sociedade, as memórias femininas eram desconstituídas de valor e reconhecimento enquanto patrimônio cultural. Atualmente, armadas de políticas de conservação, as técnicas desenvolvidas podem e devem ser preservadas e valorizadas.

E não apenas como produtora de bens culturais, as comunidades devem participar ativamente da execução e estabelecimento de políticas públicas de conservação do patrimônio, garantindo o empoderamento dos variados grupos sociais (CERQUEIRA, 2012). Apenas através do posicionamento ativo da população é possível verificar as prioridades que dizem respeito ao patrimônio.

Deve-se garantir, primordialmente, que a população conheça e reconheça seus bens, de forma a dar sentido à sua busca pela preservação patrimonial. Tal identificação deve ocorrer através de paralelos entre sua influência na formação histórica de sua cultura e a representatividade sentimental que adquiri no presente ao despertar o pertencimento. (CERQUEIRA, 2012).

Estimular a interação entre indivíduo e patrimônio gera sua valorização e, conseqüentemente, preservação. “Dessa forma, motiva seus proprietários e/ou ocupantes a conservá-lo e requalificá-lo, atribuindo-lhe outros significados, valorizando-o e propondo outros usos para as velhas técnicas, construções e equipamentos.” (FUCKS; SOUZA, 2010, p. 105). Conforme Hannerz (1997, p. 11-12), a cultura é um processo: “[...] apenas pelo constante movimento, sendo sempre recriado, é que os significados e as formas significativas podiam tornar-se duradouros.” Assim, a ideia de movimento e modificações, ocasionadas pelos ressignificados é necessária à sua preservação. As alterações, como consequência da coletividade da memória, permitem à cultura sua expansão e sua manutenção identitária.

No município de Jaguarão, a técnica de Jacquard, ao ser transmitida pelas artesãs às gerações subseqüentes, preocupa-se em manter sua funcionalidade nos dias atuais. Assim, incentivam as adaptações e acréscimos derivados do contato com a modernização, como a criação de peças moldadas pelas tendências de moda, as novas técnicas de tonalização natural da lã e a mescla da tecelagem a outros tipos de produções artesanais, sem perder a essência do fazer artesanal, livre de maquinários e químicos.

Segundo Hannerz (1997), o movimento ao qual a cultura está constantemente submetida advém das ações de seus atores, pessoas, que a inventam, experienciam, e a ponderam, dando novas dimensões a forma com que se apresenta. Tal como se dá ao recordar, armazenar, discutir e transmitir, levando a alterações que contribuem para as adaptações necessárias à sua preservação.

Entretanto, diante do avanço das tecnologias e da industrialização dos processos de produção, a sobrevivência de técnicas artesanais no mercado encontra-se ameaçada. A mecanização, levando o homem apenas à operação de máquinas, substitui a utilização de práticas culturais, encaradas como obsoletas diante das facilidades tecnológicas, ocasiona seu esquecimento. As gerações subseqüentes perderam assim, o contato com suas raízes culturais de produção, onde o homem confeccionava para suprir necessidades. Os fazeres, tornando-se então obsoletos, passaram a serem praticados com menor frequência, contribuindo para a impossibilidade de transmissão da técnica.

A grande escala das produções industriais, decorrentes da facilidade de produção através de máquinas, instala-se como barreira para as produções artesanais que demandam maior tempo de confecção e, portanto, menor escala. Tais aspectos levam as peças artesanais a um valor mais elevado, e assim, perdem espaço no mercado para os industriais. Ademais, a produção industrial, almejando lucro financeiro, tem suas confecções padronizadas, e portanto, carentes de identidade. O fazer mecânico elimina o processo de criação do homem, individual para cada peça, resultando em sua falta de expressividade.

Em relação à indústria cultural, Adorno (2002) cita: “A participação de milhões em tal indústria imporia métodos de reprodução que, por seu turno, fazem com que inevitavelmente, em numerosos locais, necessidades iguais sejam satisfeitas com produtos estandardizados.” (ADORNO, 2002, p. 6).

A produção industrial pode levar à descaracterização das práticas culturais ao se deter na satisfação de necessidades similares do homem. Assim, a criação de produtos padronizados corrompe sua genuinidade enquanto produto do fazer cultural do homem, que, ressaltado pelo autor, é um de seus aspectos principais. Mesmo durante a produção industrial de modelos

diferentes, isto é, desconsiderando a padronização das peças, sua confecção, atrelada a uma inteligência mecânica, permanece desprovida de identidade. “O esquematismo do procedimento mostra-se no fato de que os produtos mecanicamente diferenciados revelam-se, no final das contas, como sempre os mesmos.” (ADORNO, 2002, p. 8).

Dessa maneira, percebe-se que a produção industrial ocasionou a perda da ligação identitária entre o homem e seus fazeres e saberes. Como resultado, suas práticas culturais foram substituídas pela atuação de máquinas e a confecção artesanal, mantida através do tempo, tornou-se uma forma incomum de consumo, sendo desvalorizada em virtude de suas dificuldades e barreiras impostas pelo capitalismo.

O artesanato em Jacquard, que tem sua confecção iniciada pelo preparo do velo da ovelha, passando por todas as etapas de trabalho com a lã e confecção de peças, constitui-se de uma produção demorada e laboriosa. Ademais, compõem-se apenas de aditivos estritamente naturais, e sem a utilização de maquinário industrial. Ao ser comercializadas, as peças encontram obstáculos ao concorrerem com as industriais, que por constituírem-se de um processo mais rápido e lucrativo, apresentam-se também com preços mais baixos. Conforme Cerqueira (2012):

[...] é necessário agir no sentido de que a globalização se consolide como uma mundialização multidirecional, em que as populações com suas culturas sejam protagonistas, evitando que se consolide uma globalização mercantilizada, onde os únicos protagonistas decisivos sejam as grandes corporações e os Estados poderosos. (CERQUEIRA, 2012, p. 60).

Destaca-se ainda que a mercantilização da cultura, em sua produção insustentável, também é um aspecto a ser analisado. Resultando na descaracterização da bagagem cultural de seus detentores, a comercialização dos bens culturais produzidos deve ser balanceada, a fim de manter sua identidade própria e garantir o protagonismo de seus produtores. A seguir será feito breve referencial teórico sobre o empoderamento feminino através do artesanato.

4. O JACQUARD E O EMPODERAMENTO FEMININO ATRAVÉS DO ARTESANATO

O artesanato, como prática maioritariamente feminina, representa um instrumento de empoderamento às mulheres. Como geradora de renda, sua produção concede à artesã independência financeira, valorização e emancipação dos domínios masculinos. Entretanto, ainda são sólidas as barreiras que impedem sua atuação igualitária no mercado.

A desigualdade de direitos entre os gêneros, apesar dos progressos alcançados pelas suas lutas nas esferas política, social, econômica e cultural, ainda se apresenta uma realidade presente na vida das mulheres, em especial, no âmbito profissional. Tais problemas são repercussões de uma educação e cultura impregnada pelos ideais patriarcais e machistas, ainda repassados de geração em geração (SIQUEIRA, 2014).

A origem do conceito de empoderamento tem suas raízes ainda na Reforma Protestante, opondo-se ao paternalismo. A partir do processo de Reforma, na qual traduziram-se os textos bíblicos, tornando sua leitura, antes destinada à elite eclesiástica, acessível a todos. Na segunda metade do século XX, o empoderamento passa a ser utilizado em movimentos emancipatórios, nos Estados Unidos, em prol do exercício da cidadania, destacando-se o movimento pelos direitos cívicos e poder dos negros, o feminismo, o movimento de emancipação dos homossexuais e o movimento pelos direitos da pessoa deficiente, “[...] visando a construir a autoestima de seus integrantes na igualdade de relações, através de atividades culturais, artísticas e no exercício de sua vida profissional.” (BAQUERO, 2006, p. 78).

Como processo de autoconhecimento e instrumento de defesa contra as desigualdades de gênero, o empoderamento feminino permite uma reavaliação pessoal e coletiva, possibilitando sua conquista de liberdade sob a opressão presente nas sociedades patriarcais.

[...] entendo o empoderamento das mulheres como um processo de mudança individual conectado com o contexto social e que se relaciona com ações coletivas dentro de um processo político. Ao mesmo tempo, é um instrumento/meio de enfrentar a opressão de gênero e um fim em si mesmo, quando resulta na libertação das mulheres das amarras da opressão de gênero e da opressão patriarcal vigente nas sociedades contemporâneas. (SIQUEIRA, 2014, p. 59).

Desse modo, o empoderamento, quando desligado de ações coletivas para uma mudança política efetiva, torna-se uma ilusão. Deve incluir tanto experiências e modificações no âmbito individual como no coletivo, mesclado com a comunidade, cooperação e

solidariedade, garantindo a autoconfiança e autoestima. “Al tener en cuenta el proceso histórico que crea la carencia de poder, se hace evidente la necesidad de alterar las estructuras sociales vigentes; es decir, de reconocer el imperativo del cambio” (LEÓN, 2001, p. 97).

O empoderamento retrata a atividade de, através de forças externas, sejam elas grupos, associações, pessoas individuais ou instituições, amparar as mulheres, auxiliando o reconhecimento das estruturas opressoras e gerando apoio para a ampliação de suas perspectivas críticas. Necessita-se, primeiramente, desconstruir os conceitos patriarcais nas próprias mulheres (SIQUEIRA, 2014).

O artesanato, inicialmente encarado como um ofício doméstico, caracterizava parte da rotina doméstica feminina, guardando-se no anonimato e desvalorização. No decorrer da história, as práticas artesanais agiram como um veículo de entrada da mulher no mercado econômico, acarretando em transformações sociais e conquista de espaço. Atualmente, embora ainda prejudicada pelas barreiras da falta de visibilidade e reconhecimento, a mulher artesã passa a exercer a produção artesanal como profissão, no pretexto capitalista de trabalho, empoderando-se e expandindo sua atuação econômica na sociedade.

No decorrer da história, as mulheres, reprimidas pelos conceitos e ideologias machistas que governaram a sociedade humana, foram afastadas do exercício de ofícios externos ao contexto domiciliar. Durante a Idade Média, mesmo desvalorizadas e pouco notadas, tinham como saída o exercício de seu talento artístico em mosteiros (MIRANDA, 2006).

Mesmo ofuscadas em detrimento à ao trabalho masculino, independente da qualidade de suas obras serem iguais ou superiores a dos homens, várias mulheres realizavam ofícios artesanais. Como retrata Miranda (2006), suas atuações variavam envolviam até mesmo produções em cobre, metalurgia, entalhes ou mesmo as construções.

A esposa do mestre de ofícios era geralmente responsável pela supervisão das mulheres aprendizes. Quando acabava o processo de aprendizagem, essas mulheres adquiriam um ofício próprio que lhes permitia ganhar a vida. A grande maioria das mulheres trabalhadoras empregava-se nas oficinas artesanais e artísticas, trabalhando não apenas como mão de obra familiar, mas também nas corporações e em outras atividades não regulamentadas, seja como profissionais independentes ou como assalariadas, embora com uma remuneração mais baixa que a dos homens. Em algumas corporações, mulheres, casadas ou solteiras, viúvas ou filhas de mestres, podiam tornar-se mestres independentes, embora para isso precisassem de vários anos de aprendizagem conforme regulamentavam os estatutos das corporações. (MIRANDA, 2006, p. 12).

Assim, percebe-se que a atuação das mulheres era persistente, embora barrada e desvalorizada pelos conceitos da época. O artesanato representou uma forma de emancipação feminina, por meio do qual se tornou possível o próprio sustento, garantindo sua independência econômica, e permitindo o exercício da profissão fora do âmbito domiciliar.

Através dos registros históricos dos quais se tem conhecimento, é possível destacar especificamente a indústria têxtil como sendo o nicho artístico onde a mulher teve sua maior influência. “Foram nas corporações dos fabricantes de vestuário e de artigos de luxo que as mulheres foram aceitas pela primeira vez como aprendizes, companheiras ou mestres.” (MIRANDA, 2006, p. 14). Com o fim, porém, da Idade Média, a visão da sociedade sobre os ofícios femininos, em especial em ambientes não domésticos, voltou-se de forma negativa. Seus trabalhos eram rejeitados pelos homens e várias oposições começaram a surgir. No final do século XVI, foi publicada uma legislação sobre artesanato, em que as mulheres eram proibidas de tais ofícios, independentemente de seus saberes.

Travando lutas em favor de sua liberdade, a história feminina no exercício de ofícios artesanais é marcada pelas penosas restrições e falta de reconhecimento. No Brasil, as criações artísticas femininas do século XIX, apesar da conquista de prêmios e prestígio, tiveram seus registros apagados e foram esquecidas ao longo do tempo. Desse modo, “No Brasil, a celebrada igualdade é descartada pela falta de memória da produção de mulheres” (BARBOSA, 2010, p. 3).

A divisão sexual de tarefas, ainda presente na sociedade atual, imputa às mulheres os cuidados maioritariamente domésticos, destituindo-as, em muitos casos, da liberdade de exercer seus ofícios de modo representativo na construção social. Conforme Siqueira (2014, p. 24) “[...] esta dominação se materializa e se corporifica por intermédio da cultura, das tradições e da divisão sexual do trabalho, que impõe, desde muito cedo, sobre quem tem o sexo ‘fêmea’, o desempenho de determinadas tarefas ditas femininas”. A partir da industrialização, a divisão do trabalho modificou-se, e as tarefas praticadas no lar foram distinguidas e separadas das atividades diretamente remuneradas.

Com a industrialização houve uma ruptura, que separou a unidade doméstica da unidade de produção, proporcionando uma divisão sexual do trabalho mais rígida. Nessa divisão coube à mulher, principalmente, a realização das tarefas relativas à reprodução da força de trabalho na esfera privada do lar e sem remuneração, enquanto ao homem, coube o trabalho produtivo com remuneração. (BARBOSA e D’ÁVILA, 2014, p. 146).

O caso da técnica de Jacquard em Jaguarão não se mostra diferente. Inicialmente confeccionado para suprir as demandas domésticas, era uma prática feminina a qual se ensinava de geração a geração, passando os ensinamentos de como ser, de acordo com os ideais da sociedade patriarcal que infligiram à região no século XX, e persistem em parte até os dias atuais, uma “mulher prendada”. Tratava-se de repassar às mulheres sucessoras, os ofícios suficientes para que esta pudesse proporcionar a comodidade e os cuidados a casa e à família necessários, qualificando-a para suprir tais demandas.

Entretanto, no cenário atual, tornou-se notável a mobilização feminina diante das dificuldades econômicas familiares. Como observa Guérin (2005), as mulheres são geralmente, as primeiras a “agir” nessas situações. A fim de gerar uma renda extra, elas começam a desempenhar atividades de cunho alimentício, como na produção de alimentos; manutenção de roupas, como na lavagem e costura; de serviços de tratamento de outros, como babás e cuidadoras de idosos; administrativas e institucionais, como mediadoras; comerciais, produtoras e como artesãs, entre outras.

Diante dos princípios de separação de tarefas (atividades de homens e de mulheres) e do princípio hierárquico (o trabalho do homem sendo superior ao da mulher), que regem as sociedades atuais, o artesanato é enquadrado em ambas instituições. “No caso do artesanato a questão da divisão sexual do trabalho se apresenta na característica do ofício, sendo ele ‘feminino’ uma vez que está atrelado a ‘delicadeza’ do fazer minucioso, o princípio da separação, e sendo um complemento ao orçamento, o princípio hierárquico” (BARBOSA e D’ÁVILA, 2014, p. 142). De acordo com as autoras, a mulher, enfrentando a falta de reconhecimento e a desvalorização de seus ofícios, que é visto, em muitos casos, como uma renda complementar, executa suas atividades em empregos precários e mal remunerados, acumulando ainda as tarefas domésticas mal distribuídas.

Para Guérin (2005) não bastaria contribuir para o acesso das mulheres em ofícios geradores de renda para garantir uma real igualdade. Demonstra ainda que é necessário minimizar os três principais obstáculos aos quais estas têm de transpor: o caráter multidimensional da pobreza, a inadequação das instituições e a desigualdade na divisão de obrigações familiares. Em relação ao caráter multidimensional da pobreza, a autora cita ainda que: “A pobreza deve então ser aprendida em termos de insuficiência de direitos e de incapacidade de fazê-los valer. Algumas categorias de pessoas, especialmente as mulheres [...] têm mais dificuldade em “converter” seus direitos formais em reais” (GUÉRIN, 2005, p. 18).

Complementa-se ainda a visão do caráter multidimensional da pobreza em relação à falta de acesso para mulheres pobres a seus direitos fundamentais. Assim, a partir da década de 1970, iniciaram-se estudos acerca da problemática, buscando entender os resultados do desenvolvimento sobre as mulheres (SIQUEIRA, 2014).

Sobre a inadequação das instituições, a autora refere-se tanto em relação aos direitos, quanto das normas sociais. Traz ainda a proposição de que “os espaços públicos de proximidade, nos quais cada um - e cada uma - é levado a discutir e a debater problemas que o afetam em sua vida cotidiana, podem ser o vetor desse diálogo” (GUÉRIN, 2005, p. 20). Em virtude da divisão desigual das tarefas domésticas, a qual a é imposta como dever, a mulher renuncia sua liberdade individual. “As obrigações familiares foram consideradas durante muito tempo - e ainda o são em muitos países - ligadas a uma responsabilidade exclusivamente familiar e, de fato, exclusivamente feminina.” (GUÉRIN, 2005, p. 20).

O artesanato, como ofício majoritariamente feminino, resulta na possibilidade de independência financeira à mulher, trazendo maiores modificações em caráter social e de poder, fazendo-a conquistar o empoderamento, como constataram Barbosa e D’Ávila (2014). “As artesãs, ao desenvolverem habilidades no fazer artesanal, podem criar aptidões que se apliquem à vida social, em que os aspectos e os parâmetros do ‘empoderamento’ estejam presentes” (BARBOSA e D’ÁVILA, 2014, p. 147).

Assim, a visão sobre o artesanato empregada na pesquisa tem como finalidade demonstrar a realidade feminina no mercado, traçando suas lutas e trajetórias e emancipação por meio de sua produção. Em sua essência, o fazer artesanal, como forma de expressão, permite a projeção histórica pessoal de cada artesã. Conforme Silva (2015), “A expressão através da arte sensível é parte constituinte das biografias, concretizando outra ferramenta, além da oralidade e da escrita, para compor as histórias de vida” (SILVA, 2015, p. 10). Desse modo, a atuação do artesanato se dá, acima de tudo, como forma de exteriorização da memória, em seu âmbito individual ou coletivo, permitindo a expressão e projeção no mundo de quem o faz.

A criação de grupos para produção representa, não apenas um método econômico, mas principalmente uma forma de fortalecimento em conjunto, permitindo sua liberdade e oferecendo novas possibilidades. Denota um meio de auxiliar no estabelecimento de uma identidade própria e única, ao qual seja desvinculado, se pretendido, de sua realidade enquanto mãe, mulher, esposa, avós, entre outros. (BRUNO et al., 2011).

São, portanto, mulheres que participam da política e do mundo político, que lutam e questionam. Estão na política do cotidiano, na luta pelo reconhecimento e valorização de suas atividades [...] na política da comunidade, do sindicato, da associação, do município, da casa, do quintal, mas guardando as possibilidades de ressignificarem suas práticas, seu 'lugar' no mundo social e político e recontarem suas histórias. (BRUNO et al., 2011, p. 61).

Os grupos organizados permitem a propagação da voz feminina. A atuação no coletivo confere reconhecimento e visibilidade às reivindicações das mulheres em sua luta política. Motiva também a aderência de novos significados para suas projeções no mundo através de seus fazeres, promovendo ainda o convívio social e a unificação entre indivíduos de uma mesma luta.

Siqueira (2014) em sua análise sobre um grupo de artesãs de fiapo, demonstra que é evidente a autovalorização e a visibilidade cultural ao confeccionarem as peças. Ao produzirem as peças, estreitam-se os laços entre as integrantes do grupo, concedendo apoio umas às outras, garantindo uma renda, seja principal ou complementar, ampliando suas metas e sonhos, e permitindo o exercício de ofícios prazerosos e carregados de sentimentos para as artesãs.

O Jacquard é uma técnica praticada e transmitida através de grupos de artesãs. Sua atuação assim, representa também uma forma de mobilização das mulheres, um espaço onde sua expressão é projetada nas peças criadas. Observa-se, assim, no município de Jaguarão, que a influência da técnica na construção da identidade cultural das artesãs vai além da reprodução de um fazer artesanal, mas a representatividade da libertação econômica e social da mulher através das atividades em grupo e do desempenho de seu ofício.

Na próxima seção serão apresentados os resultados obtidos a partir da análise dos relatos e dados coletados durante a pesquisa. O capítulo foi dividido em três partes, sendo a primeira referente à representatividade do Jacquard enquanto bem cultural, memória e identidade das artesãs e da influência da ovinocultura sobre a bagagem cultural da zona rural do município. Em seguida, serão apresentadas as diferentes faces do empoderamento feminino proporcionados pela confecção das peças, e por fim, os benefícios socioeconômicos de sua produção para os moradores locais.

5. A VOZ DA ARTESÃ: RELATOS SOBRE O JAQUARD E O EMPODERAMENTO DA MULHER JAGUARENSE

Em busca de melhor compreender a representatividade do Jacquard enquanto símbolo de memória, identidade e empoderamento feminino, foram traçadas linhas de estruturação da pesquisa de forma a evidenciar, a partir da análise dos dados coletados, tal influência. Assim, serão demonstradas, através dos resultados apurados, as dimensões que a técnica toma enquanto ofício, memória, patrimônio e protagonismo para as artesãs.

Conforme dito, foram entrevistadas duas artesãs responsáveis pelo grupo “As Cardadeiras”, vinculado à Economia Solidária de Jaguarão. A primeira entrevista foi realizada em setembro de 2017, na residência da artesã W.A.F., oficina de trabalho do grupo. No local eram expostas ferramentas e materiais de trabalho, como a roca e os novelos de lã natural. Foram realizadas também visitas à artesã C.R.D., que demonstrou o processo de preparo da lã e de confecção das peças. Em setembro de 2018, foi feita uma nova entrevista com a artesã na sede da Economia Solidária de Jaguarão, localizada no Círculo Operário.

Junto à Associação Municipal dos Artesãos, foi realizada entrevista, em setembro de 2018, com a presidente e artesã, V.R.F., que relatou já ter sido procurada outras vezes por acadêmicos de faculdades da região, sentindo-se a vontade para contribuir com a pesquisa. Mostrou as peças que confeccionava e ensinou também o uso das ferramentas de tecelagem. No mesmo mês, foi organizada uma reunião com a presença de 5 artesãs vinculadas à associação. N.P.O., artesã mais experiente na técnica, contou detalhes sobre a herança cultural do Jacquard em sua família e sua transmissão. A artesã M.C.R. contou sobre a fundação da associação e seu primeiro contato com a técnica. Na ocasião, ocorreu também a primeira aula do curso de Jacquard. Assim, foi realizada observação de campo com relação à transmissão da técnica durante a realização das aulas e os aspectos culturais envolvidos. Foram feitos também registros fotográficos durante os momentos mencionados.

Na Cooperativa de Lãs Mauá, foi feita entrevista junto ao presidente, onde foram abordados temas relativos à história do estabelecimento, a influência da ovinocultura no município, o artesanato em lã natural e o panorama atual da produção. No local foram mostrados materiais do acervo interno da cooperativa, referentes a sua história e à classificação da lã por espessura e raça de ovinos. Foram realizados registros fotográficos da lã preparada no local.

Realizaram-se também visitas à EMATER - Jaguarão, a fim de obter maiores informações e dados sobre a confecção de artesanato em lã natural no município e sua

participação junto aos grupos nas feiras. Posteriormente, aconteceram novos encontros com a artesã V.R.F., na sede da Associação Municipal dos Artesãos, para confirmação e esclarecimento das informações.

A seguir, o capítulo buscará expor e analisar os principais dados levantados através da pesquisa. Dividido em tópicos, irá, primeiramente, discorrer sobre a influência do Jacquard, como memória feminina e bem cultural, na construção da identidade jaguareense. Em sua segunda abordagem, analisa a técnica como ferramenta de empoderamento das mulheres artesãs pesquisadas e por fim, demonstrará a relevância do artesanato em Jacquard como vetor socioeconômico no município.

5.1. Jacquard: Herança cultural e memória feminina

A prática do Jacquard, como visto anteriormente, corresponde não apenas a um ofício de cunho apenas comercial, mas também, e especialmente, a uma herança cultural e a memória feminina das artesãs da cidade. Suas raízes no município têm estreito vínculo com a ovinocultura, atividade fortemente presente na construção da identidade de Jaguarão. Como afirmam Herrmann e Selbach (2015), em sua pesquisa junto às artesãs de Jacquard da Associação Municipal dos Artesãos:

O fazer artesanal tem maior expressividade em regiões da campanha, onde há grande produção de ovinos, que geram abundância da matéria-prima, no caso a lã. A tecelagem é importante expressão cultural, pois por meio dela produz-se conhecimento e cultura, contribuindo para a manifestação da identidade popular e a riqueza da cultura local. Através dela o indivíduo se percebe e se reconhece. (HERRMANN e SELBACH, 2015, p. 2).

Segundo relatos durante a entrevista na Cooperativa de Lãs Mauá, a produção de lã como um aspecto da formação da identidade cultural do município ficou ainda mais evidente:

A lã ela tem uma identidade cultural muito forte na origem das famílias do Rio Grande do Sul, especialmente de Jaguarão. Jaguarão, Livramento, toda essa região aqui da campanha. Porque antigamente, se vai ver, a lã surge mais ou menos lá no início do século XX, aqui. E eu lembro assim de dados, de memória, que lá em 1870 o Rio Grande do Sul tinha em torno de 27.000 ovinos no estado todo, então isso não é nada. Lá pela década de 1900 ela começa a se expandir. (Presidente da Cooperativa de Lãs Mauá, entrevistado no dia 17 de setembro de 2018).

A produção lanífera no Rio Grande do Sul representa um dos pilares no qual o gaúcho construiu sua identidade. As regiões de campanha, e em especial de fronteira, devido à colonização hispânica, tem seus laços com a atividade ainda mais engessados, uma vez que foram os primeiros a receberem os rebanhos de ovinos, e também pela proximidade com o Uruguai, que influenciou as tecnologias da produção gaúcha.

Tal aspecto passou a fazer parte do modo de vida nas regiões da campanha do Rio Grande do Sul. Considerando a abordagem de Candau (2011) sobre o conceito de memória e identidade, anteriormente apresentados, pode-se constatar que a criação de ovinos constitui-se de uma memória, transmitida por várias gerações nas zonas citadas e, conseqüentemente, parte da identidade local.

Creio que lá para a década de 1940 e 1950 [...] e a lã nessa época valia muito. De tal forma que as pessoas viviam da lã. Elas produziam a lã anual, mandavam para a Cooperativa, essa lã era classificada aqui e a cooperativa tinha supermercado, bazar, loja de roupas, tudo era adquirido aqui. [...] Então a tradição, a ligação cultural dos filhos da geração que hoje estaria em torno de 50 ou 60 anos, foi uma geração que viveu isso aqui, ligada à cooperativa. Não só a nossa, como ligada à Pelotas, a Bagé, onde tinha cooperativa, era essa a ligação que existia entre a área rural. Então é muito forte. E isso aí foi perdendo a identidade um pouco, mas como toda coisa cíclica, ela perde e volta, e hoje a lã está voltando [...]. (Presidente da Cooperativa de Lãs Mauá, entrevistado no dia 17 de setembro de 2018).

Para os moradores da zona rural jaguarense, a presença da Cooperativa de Lãs correspondia um marco, onde ocorriam as interações com a zona urbana, mantinham as relações sociais e efetuavam as trocas comerciais de sua produção, abastecendo-se com os lucros de seu fruto. Como suporte para os membros, a cooperativa representava ainda um vetor da criação de ovelhas no município, dando o suporte para seu crescimento.

A seguir, a figura 07 mostra a lã produzida pela Cooperativa de Lãs Mauá. Seu processo é inteiramente natural, não utilizando-se de produtos químicos, e a tonalizada resultante é referente à pelagem da ovelha que a forneceu.

Figura 07 - Lã natural produzida na Cooperativa de Lãs Mauá.



Fonte: Acervo da autora (2018).

Mais uma vez é possível observar a influência da ovinocultura na formação da bagagem cultural de Jaguarão. Impregnada no cotidiano dos moradores e em suas relações sociais, a produção lanífera, mesmo que indiretamente, se fez presente na construção do modo de vida jaguarense.

Iniciando ainda no começo do século XX no município, segundo o entrevistado, tal atividade proporcionou uma vasta disposição de matéria prima, a lã, ao qual se agregaram técnicas e práticas de tecelagem, como o próprio Jacquard, para seu aproveitamento. Dessa forma, o excedente da produção passou a ser trabalhado pelas mulheres dos ovinocultores na confecção de peças de vestuário e de necessidade domiciliar.

A gente já se criou com uma ovelhinha embaixo do braço e aí isso vai indo assim, continua, e a gente já se acostumou a trabalhar com a lã desde pequena, que a mãe e as avós já trabalhavam e isso vai passando assim, é bem interessante. (C.R.D., Integrante do grupo *As Cardadeiras*, vinculado à economia solidária, entrevistada no dia 13 de setembro de 2018).

Assim, a tecelagem com lã natural, como uma memória das mulheres artesãs, transmitida de geração à geração, de fato representa uma herança cultural do município, uma vez que, só pelo fato de se tratar de um saber, o que antropologicamente configura-se como cultura, já pode ser visualizado como um patrimônio herdado pelas mulheres artesãs.

Outro aspecto importante a ressaltar é que a produção das peças é feita a partir do velo da ovelha. Ou seja, as artesãs iniciam seus trabalhos desde o preparo da lã, como nas origens da técnica. Assim, após a tosquia da ovelha, o velo, produto direto, é lavado com uso de

detergente neutro; secado; aberto manualmente; cardado; fiado na roca; tingido com produtos naturais e depois, confeccionadas as peças.

A não utilização de equipamentos industriais e maquinários na produção das peças mostra-se como uma característica específica nos grupos de artesanato pesquisados. Através de trabalhos com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e apresentações dos produtos em feiras foram conquistadas diversas premiações, justamente pelo preparo da lã de forma natural e manual, além da própria técnica empregada.

Nós estamos buscando resgatar isso, porque com certeza isso vai voltar, e está voltando, já tem um bom tempo que está voltando. Hoje, fora aqui de Jaguarão, em outros países, lã é uma coisa muito cara, sabe, a lã natural mesmo ela é muito cara, e ela é terapêutica, ela tem que vir com todo o processo, o mínimo possível industrial, então, eles estão buscando isso aí. (W.A.F., integrante do grupo *As Cardadeiras*, vinculado à economia solidária, entrevistada no dia 16 de setembro de 2017).

O processo de trabalho da lã demonstra, não apenas o meio de produção das peças, mas principalmente a preocupação das artesãs com a continuação das memórias de suas antepassadas de forma mais próxima possível, reconstituindo cada um de seus processos como fazia-se antes da modernização. Então, observa-se que tal preocupação reforça o apego sentimental das mesmas ao realizarem o ofício, e também o torna peculiar, agregando valor aos produtos.

Quando a gente vende uma peça, a gente colocou todo o amor naquela peça, pra fazer, o capricho, a qualidade, não é só fazer pra vender em grande quantidade. o nosso artesanato não é em série [...] Dá um trabalhinho, então as pessoas que trabalham com isso é porque trabalham por amor mesmo, por gostar. (W.A.F., integrante do grupo *As Cardadeiras*, vinculado à economia solidária, entrevistada no dia 16 de setembro de 2017).

A confecção das peças é, assim, uma memória e uma herança cultural das mulheres de Jaguarão, que promove não apenas a possibilidade de uma renda, ao qual repercute em sua liberdade e emancipação, mas também no sentimento de pertencimento e identidade que as liga às raízes genealógicas. Desse modo, as origens da identidade cultural feminina são firmadas e prolongadas pelo artesanato.

A seguir, a figura 08, apresenta uma bolsa confeccionada em crochê Jacquard pelas artesãs da Associação Municipal dos artesãos. Já a figura 09, mostra um poncho também confeccionado com a técnica pela associação, vestimenta frequentemente utilizada na região.

Figura 08 - Bolsa confeccionada em Jacquard pela Associação Municipal dos Artesãos.



Fonte: Acervo da autora (2018).

Figura 09 - Poncho confeccionado em Jacquard pela Associação Municipal dos Artesãos.



Fonte: Acervo da autora (2018).

Como forma de preservação da técnica, algumas das artesãs entrevistadas realizam pesquisas e registros escritos sobre os processos que desenvolvem atualmente e todas as informações repassadas nas famílias. Essa exteriorização da memória permite sua manutenção de forma mais segura

Já tem um bom tempo que eu não trabalhava com lã, quando vim pra cá, na verdade eu era advogada, e passei a conhecer lã através das mulheres daqui e são mulheres que fazem isso aí de geração a geração. Foi a mãe que passou, foi a avó que passou, foi passado, não tem nada registrado, então o que acontece, eu peguei e comecei a fazer pesquisa com elas a fazer essa mesma entrevista aí, pesquisar, pesquisar lã, pesquisar ovelha, qual é a melhor ovelha, quais são as ovelhas, e eu também comecei a fazer uma espécie de um histórico, uma pesquisa e comecei a registrar também, todas essas informações que hoje nós temos foi fazendo uma pesquisa aqui e acolá. Qual é a melhor para a gente trabalhar, como é que faz, por exemplo, como trabalha com essa máquina aqui, que é uma carda. (W.A.F., integrante do grupo As Cardadeiras, vinculado à economia solidária, entrevistada no dia 16 de setembro de 2017).

Natural do estado de Goiás, a depoente, que teve seu primeiro contato com os aspectos rurais ao mudar-se para Jaguarão. Conhecendo as artesãs, começou a desenvolver também os trabalhos em lã natural e Jacquard. A fim de inserir-se com maior entendimento sobre o artesanato praticado no município, realizou pesquisas, as quais, segundo seu relato, estão sendo registradas para manter as memórias mais seguras da ação do tempo, do esquecimento e da substituição dos fazeres manuais pelas práticas mercantis da modernização.

A preservação da memória oral enfrenta maiores barreiras do esquecimento. Mais suscetível à perda de detalhes, a transmissão por essa via torna-se refém da memorização humana e os aspectos biológicos nela impregnados.

Como cita Candau (2011, p. 109):

Auxiliar de uma memória forte, a escrita pode, ao mesmo tempo, reforçar o sentimento de pertencimento a um grupo, a uma cultura, e reforçar a metamemória. Assim, o escritor local, aquele que tem o poder de registrar os traços do passado, oferece ao grupo a possibilidade de reapropriar-se desse passado através dos traços transcritos.

Dessa forma, os registros escritos da técnica podem proporcionar uma forma de preservação mais eficaz. Também é possível assim relatar as novas inserções e modificações que ao longo dos anos são feitas, bem como as pesquisas de sua origem e contextos que indiquem aspectos de criação.

Outra medida tomada pelo grupo para garantir a transmissão da memória do Jacquard, além de repassar na própria família, fazendo com que ela circunde novas gerações, são os cursos ministrados na Associação Municipal dos Artesãos. Dessa forma, mesmo as mulheres, até agora único público dos cursos, que não detém a técnica em sua bagagem cultural familiar podem receber tal conhecimento. Permite ainda sua propagação e manutenção enquanto patrimônio cultural e imaterial.

Inclusive já passei para a minha neta, a minha neta já sabe, ela fez em Pelotas, tirou faculdade de design de moda e o desfile dela foi sobre o Jacquard, ponto a ponto, geração a geração, era o nome do trabalho. (N.P.O., artesã e ministrante dos cursos de Jacquard, membro da Associação Municipal dos Artesãos, entrevistada no dia 24 de setembro de 2018).

A propagação da técnica entre as novas gerações é um importante método de preservá-la e manter sua funcionalidade no contexto atual. O relato da depoente indica as variações que a técnica sofre ao se adequar à rotina moderna das novas gerações. Aplicam-se novos conceitos, novas tendências, novos métodos e mesmo novas significações às memórias, a fim de mantê-la não apenas como objeto de recordação dos antepassados, mas como parte cultural dos povos ainda integrante do seu modo de vida, o que é fundamental para sua preservação e manutenção da identidade cultural, como apresenta Candau (2011).

Entretanto, durante as entrevistas, algumas ameaças à preservação da técnica foram identificadas pelas artesãs. Os principais aspectos levantados tem relação com a falta de incentivos do setor público, de um local para trabalho e exposição das peças, de disposição dos jovens para aprender a técnica, e as barreiras instituídas pela modernização e industrialização dos meios de produção.

O município geralmente não ajuda. [...] Agora que a gente arrumou esse cantinho aqui, mas a gente sempre alugou casa, e agora ta cada vez mais difícil tudo, a gente procurou e a prefeitura nos deu esse cantinho, mas tu vê, não tem luz, é deficiente, não é um espaço como a gente gostaria, mas a missão é essa é ensinar. Ensinar para alguém seguir fazendo, porque esse trabalho do Jacquard é só Jaguarão que faz, não tem outro município que faça. É exclusivo de Jaguarão. Então não pode morrer em Jaguarão. (N.P.O., artesã e ministrante dos cursos de Jacquard, membro da Associação Municipal dos Artesãos, entrevistada no dia 24 de setembro de 2018).

Através da observação, foi possível perceber a necessidade evidente de um local apropriado para a realização dos cursos, de forma a melhor acomodar ministrantes e aprendizes. O cuidado com a iluminação, que além de ser uma “peça-chave” na confecção de um bom produto, também pressupõem maior acessibilidade às próprias artesãs, que em sua maioria demonstra dificuldade visual ao realizar o trabalho minucioso.

Até mesmo as despesas com o material necessário para o curso são um empecilho, tanto para as artesãs, quanto para seus aprendizes. Como forma de preservar esse patrimônio cultural e imaterial, e ainda, como forma de expressão cultural, educação e qualificação profissional, o investimento do município em seu custeio é necessário.

A parte financeira, a gente dá o curso e as alunas tem que colaborarem com a lã, com tudo, porque eu dou a minha sabedoria, mas não tenho condições de dar para todos o material de trabalho. [...] Se a gente tivesse incentivo, se tivesse uma verba para incentivar, mais pessoas gostariam de aprender. Mas é que é difícil. (N.P.O., artesã e ministrante dos cursos de Jacquard, membro da Associação Municipal dos Artesãos, entrevistada no dia 24 de setembro de 2018).

Em suas análises, realizadas junto às artesãs da associação, Herrmann (2017) demonstra que as artesãs enfrentam uma situação de dificuldades financeiras. Durante o período de realização de suas pesquisas, a sede da associação ainda era alugada, o que impulsionou a mudança para o espaço disponibilizado pelo poder público municipal, segundo comentários atuais das artesãs.

Ainda conforme a autora, como medida oferecida pela gestão pública, foi cedido um espaço no Centro Público de Economia Solidária, que poderia ser utilizado sem custos, em troca da realização de cursos para a comunidade em parceria com instituições como o SEBRAE. Dessa forma, de acordo com os dados obtidos, apenas um reduzido número de integrantes do grupo optou pelo trabalho junto à Economia Solidária.

Já pelo viés comercial das peças, suas barreiras consistem na concorrência com os métodos de produção industriais. Excluindo o uso de máquinas e aditivos químicos, a confecção do Jacquard, manualmente, é lenta e dispendiosa. Cada peça pode levar até mesmo meses para ficar pronta.

Principalmente o trabalho de jacquard. trabalho em jacquard mesmo, eu demoro mais um pouco, levo dois meses pra fazer uma peça em jacquard, então é dois meses sem trabalhar também, aí você não vai colocar qualquer preço para vender, aí não vai. (W.A.F., integrante do grupo *As Cardadeiras*, vinculado à economia solidária, entrevistada no dia 16 de setembro de 2017).

Em comparação com as produções mecanizadas, a demora na confecção influi também na redução do estoque e na demora do retorno financeiro. A pouca visibilidade dos produtos, até mesmo em relação ao próprio município, e mais ainda pelos fluxos turísticos e a desvalorização pelo desconhecimento acerca do trabalho, ou mesmo o baixo poder aquisitivo da população local também foram destacados pelas artesãs do grupo *As Cardadeiras* como um obstáculo a qual enfrentam na comercialização das peças.

É porque o retorno dele não é rápido. igual por exemplo para nós, agora que a gente está começando já tem uns 4 anos, estamos começando a ter a nossa rentabilidade. ainda está devagar porque nós investimos muito lá atrás. [...] Aqui o pessoal fala: aí mas esse troço está caro demais. Aqui em Jaguarão a gente não consegue vender [...]

o pessoal acha muito caro. (W.A.F., integrante do grupo *As Cardadeiras*, vinculado à economia solidária, entrevistada no dia 16 de setembro de 2017).

Pelo desconhecimento acerca dos trabalhos de tecelagem em lã natural e da técnica de Jacquard, de suas etapas de confecção, além do preparo da lã, os moradores locais muitas vezes não compreendem o preço atribuído às peças. Também em razão do baixo poder aquisitivo, a comercialização é dificultada.

5.2. O Jacquard: as diferentes faces do empoderamento feminino em Jaguarão

O artesanato corresponde a um instrumento de empoderamento para as artesãs. Realizado maioritariamente por mulheres, ele moldou-se, ao longo dos anos, como uma chave de acesso ao mercado e à uma profissão reconhecida e assegurada. Mesmo em ambientes domésticos, sua prática permite auxílio à renda familiar e emancipação feminina, que por meio da renda resultante, adquire maior autonomia social e econômica.

A tecelagem em lã natural e a técnica de Jacquard são uma herança cultural e memória feminina, e portanto, sua preservação também resulta no empoderamento, uma vez que permite a recordação das figuras femininas antepassadas, seu modo de vida e as barreiras impostas pelo patriarcado que o artesanato ajudou a transpor. Para as artesãs atuais, a manutenção da técnica é uma forma de assegurar a sua identidade e bagagem cultural, honrando as mulheres do passado que a transmitiram.

Não apenas o empoderamento feminino, mas também a afirmação da identidade rural do município é expressada através da técnica. Jaguarão, como cidade de grande expansão rural e marcada pela presença da ovinocultura, tem sua cultura valorizada nos locais de exposição das peças em feiras externas ao município, contribuindo também para o reconhecimento intrínseco pelos jaguarenses.

A gente vê essa satisfação, sabe de a gente estar sendo reconhecido lá fora, as pessoas começam a conhecer, e não pensar assim, que por exemplo a lã da ovelha, não sabe daonde que sai, então as pessoas passarem a conhecer, que vem do campo, não são indústrias que fazem e sim pessoas, são humanos né, que fazem todo esse trabalho. (W.A.F., integrante do grupo *As Cardadeiras*, vinculado à economia solidária, entrevistada no dia 16 de setembro de 2017).

Em suas análises sobre a relação das artesãs com a ideia de cidadania, Herrmann (2017) traz depoimentos que mostram a percepção das mesmas em relação à valorização de

seus trabalhos, entretanto, o reconhecimento não se aplica no local onde estão inseridas. Ressaltam ainda que compreendem o exercício da cidadania através do exercício de seus ofícios e, principalmente, através da transmissão de conhecimentos pelos cursos ofertados, onde auxiliam na profissionalização de outros e, em uma relação mútua, também se sentem beneficiadas.

Podemos perceber que cidadania, na visão delas, é poder ajudar o outro, ensinar o que sabem, auxiliar no trabalho voluntário propiciando cursos e ensino gratuito, transmitindo todo seu conhecimento sobre o ofício. Cidadania não é só ser cidadão jaguarense, designando quem vive na cidade, mas auxiliar outros, transmitindo o que conhecem. (HERRMANN, 2017, p. 17).

Na zona rural de Jaguarão, as figuras femininas na ovinocultura, atividade pecuária bastante praticada, mantinham-se ocupadas da confecção de peças para uso domiciliar com a lã excedente. Ao expandir sua produção para comercialização, o acréscimo na renda é também uma forma de emancipação da mulher, que não permanece refém financeiramente do homem.

Passando a ganhar, por vezes, uma renda ainda maior que a do marido ovinocultor, considerando os valores descritos nas entrevistas, a artesã é vista, então, como uma profissional valorizada, desmanchando parte das ideias patriarcais, tão enraizadas nas tradições locais, e traçando um perfil de igualdade perante a figura masculina. Dessa forma, em si, o empoderamento, que em um sentido amplo, agrega a sensação de liberdade e autonomia.

Para as artesãs de Jacquard que participaram da entrevista, a técnica permanece, atualmente, como uma ferramenta de empoderamento. Como profissionais reconhecidas, cujos direitos são efetivamente assegurados, obtém maior reconhecimento social, e principalmente, segurança financeira e emancipação, sendo capazes de proverem seu auto-sustento.

A artesã N.P.O., professora mais antiga da técnica de Jacquard, repassou seus conhecimentos para outras artesãs da Associação Municipal dos Artesãos. Seu contato com a técnica se deu ainda na infância, através das mulheres de sua família. Atualmente com mais de 50 anos de trabalhos com a técnica, ministra seus cursos a todos que se dispõem a aprender, cuja única exigência é deter conhecimentos prévios de crochê. Para aqueles que não o tiverem, ensinam-se os passos iniciais do preparo da lã e o uso das agulhas e teares, para que no final, possam aprender o Jacquard.

Tanto classe A, B C, D, que quiser aprender. A única exigência que eu faço é que a pessoa saiba fazer crochê, porque quem não domina a agulha do crochê e a linha, já se torna mais difícil de aprender o ponto, então eu peço que saiba fazer crochê [...] Isso é um trabalho que vem dos antepassados e que a gente procura passar para as novas gerações e para quem quiser aprender, para quem quiser fazer disso uma profissão, um trabalho extra, um complemento de salário. (N.P.O., artesã e ministrante dos cursos de Jacquard, membro da Associação Municipal dos Artesãos, entrevistada no dia 24 de setembro de 2018).

Os cursos são métodos necessários para a preservação dos saberes e fazeres culturais. Eles permitem que novas pessoas conheçam a técnica e assim, transmitam-a, formando correntes que inibem a ação do esquecimento e garantem uma maior sobrevivência à memória. Ao mesmo tempo, o ensino dos ofícios em tecelagem e Jacquard permitem a profissionalização dos moradores locais, e em especial, das mulheres, que conquistam sua independência financeira.

A artesã relatou também o caso de uma moça que lhe procurou a fim de aprender a técnica, e posteriormente, com a renda obtida através dos trabalhos, conseguiu custear suas despesas com alimentação e vestuário enquanto cursava a faculdade em Pelotas.

Já ensinei para uma moça, ela foi para Pelotas, tirou faculdade e ela queria aprender para trabalhar lá, para poder se manter, então ela se formou trabalhando em Jacquard, vendendo na faculdade os trabalhos e se vestia e se calçava somente com o dinheiro que ganhava. Depois ela me mandou o convite da formatura e ela me disse: O que a senhora me ensinou, eu me mantive em Pelotas, o pai pagava a pensão e eu me vestia e a minha alimentação era toda com os trabalhos do Jacquard. Então se a pessoa se dedica, faz disso uma profissão. (N.P.O., artesã e ministrante dos cursos de Jacquard, membro da Associação Municipal dos Artesãos, entrevistada no dia 24 de setembro de 2018).

O artesanato em Jacquard, possibilitando a geração de renda, teve um papel fundamental na vida dessa aluna, constituindo um pilar sobre o qual ela conseguiu sua realização profissional. Dessa forma, a técnica atuou abrindo portas na vida de uma mulher, e oportunizando sua inserção e conseqüentemente, emancipação econômica da dependência do pai ou de qualquer outra figura, mostrou-se instrumento de empoderamento, mais uma vez.

Mesmo enquanto lazer, a confecção do artesanato é um aspecto importante na elevação da qualidade de vida das mulheres. Como relatado, há ainda as mulheres que realizam os cursos de Jacquard sem fins econômicos, e sim recreativos ou apenas para atender as necessidades domésticas e familiares.

Como profissão, como hobbie, porque tem pessoas que aprendem só para fazer para a família, que gostam muito. Tem gente que diz: “Quando eu ficar velho eu vou

aprender Jacquard, para quando eu ficar velho me dedicar ao Jacquard, porque aí eu tenho tempo, estou aposentado, tenho mais tempo”. (N.P.O., artesã e ministrante dos cursos de Jacquard, membro da Associação Municipal dos Artesãos, entrevistada no dia 24 de setembro de 2018).

O artesanato, como forma de lazer, é reconhecido como atividade terapêutica e método auxiliar de preservação do bem estar mental. Como apresenta o conceito de lazer definido por Bramante (1998), sua prática consiste em uma experiência livre, única e criativa, na qual, por essência, denota amor ao que é realizado.

O lazer se traduz por uma dimensão privilegiada da expressão humana dentro de um tempo conquistado, materializada através de uma experiência pessoal criativa, de prazer e que não se repete no tempo/espaço, cujo eixo principal é a ludicidade. Ela é enriquecida pelo seu potencial socializador e determinada, predominantemente, por uma grande motivação intrínseca e realizada dentro de um contexto marcado pela percepção de liberdade. É feita por amor, pode transcender a existência e, muitas vezes, chega a aproximar-se a um ato de fé. Sua vivência está relacionada diretamente às oportunidades de acesso aos bens culturais, os quais são determinados, via de regra, por fatores sócio-político-econômico e influenciados por fatores ambientais. (BRAMANTE,1998, p. 1)

O privilégio, ao qual demonstra-se o lazer, é referido às dificuldades da vida moderna e ao sistema capitalista, de conceber um tempo livre para sua prática. Justifica-se, diante dessa análise, a colocação no relato, de adiar a prática do artesanato como atividade de lazer para o momento de sua aposentadoria, em que o indivíduo e, no caso apresentado, as mulheres não se encontram mais impedidas pela falta de tempo.

Seu carácter criativo e prazeroso tornam o lazer uma expressão pessoal e identitária, onde sua prática está atrelada à personalidade individual do ser humano. Aliado ao lúdico em seu sentido de gerador de diversão, entretenimento, tem sua realização motivada pelo intrínseco, ainda que influenciado pelo meio e contexto em que ocorre.

Para as mulheres, a confecção das peças confere também uma forma de estimular sua autoestima, ao ser vista como forma de se expressar e criar. O processo de criação, como aspecto individual, exprime as formas identitárias do artesão, promovendo a materialização de sua expressão.

Os cursos e a produção das peças na associação, garante ainda o convívio social à mulher. Atreladas a uma jornada de trabalho dupla, dividida entre a profissão externa e a labuta do lar, seu tempo de lazer é restrito, e as relações sociais fora de casa ou local de trabalho são reduzidas.

Em função de sua rotina voltada para atender as questões domésticas e familiares, cabe à mulher, por prazer ou intitulada obrigação, o desempenho de atividades domésticas. Assim, elas desenvolvem trabalhos artesanais como forma de suprir as necessidades de vestuário família e da casa, reduzindo gastos externos.

O mesmo ocorre em relação à confecção do artesanato para obtenção de uma renda extra. Motivada pelas dificuldades econômicas que surgem, é normalmente a mulher a primeira a se mover para reforçar a renda familiar, através da comercialização de produtos artesanais ou prestação de serviços extras como demonstra Guérin (2002). Dessa forma, acaba acumulando o que se poderia denominar como uma tripla jornada de trabalho, constituída pela profissão externa, afazeres domésticos e geração da renda extra.

A entrevistada V.R.F., contou que iniciou seus trabalhos de tecelagem aos 13 anos, quando soube da oferta de cursos de tecelagem e preparo de lã. O primeiro curso assistido foi realizado na Cooperativa de Lãs Mauá. Dessa forma, a oferta da profissionalização no trabalho da lã permitiu não apenas a transmissão dessa memória, mas a inserção de mulheres no mercado, a possibilidade de gerar uma renda própria.

Relatou ainda a respeito da influência do artesanato em sua vida. Como profissão, a tecelagem proporcionou meios para auxiliar no mantimento da família e o custeio das despesas na formação do filho. Em sua fala foi perceptível o sentimento de orgulho e a autoestima ao se descrever como artesã, remunerada e capaz de prover o sustento de sua família. Uma mulher empoderada. Sendo assim, a tecelagem e a técnica de Jacquard, herança feminina repassada através dos cursos.

E mesmo atualmente aposentada pelo Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), a artesã continua seu trabalho com a lã, ainda vinculada à Associação, pelo prazer que sente ao confeccionar as peças. A tecelagem tornou-se parte de si, de seu modo de vida, sendo uma característica própria e de difícil desvinculação. Não se trata de uma questão econômica, mas sim do amor ao que se faz.

Eu formei o meu filho trabalhando com isso. Aí depois eu me aposentei porque eu paguei o INSS como artesã e me aposentei. Mas não adianta, eu disse que não ia trabalhar mais, mas cada vez vai mais e mais. Não adianta que eu não me desligo, eu não consigo, é uma coisa que eu disse: não vou trabalhar mais, passei em casa uma semana e na outra eu já estava aqui. No outro dia eu já estava na beira da lã, não adianta, eu gosto mesmo do que faço. Estou sempre fazendo chinelos, bolsas, fazendo uma coisa e outra, os casacos são maravilhosos, a gente faz juana, faz tudo. (V.R.F., artesã e presidente da Associação Municipal dos Artesãos, entrevistada no dia 11 de setembro de 2018).

A artesã conta ainda que inicialmente trabalhava confeccionando peças em Jacquard e lã natural para que mulheres de maior poder aquisitivo as vendessem nas feiras de Esteio. Entretanto, percebendo a possibilidade de elas mesmas comercializarem as peças, tornando-se autônomas e reconhecidas pelos seus próprios trabalhos, resolveram apresentar a produção por si mesmas.

[...] E depois eu segui fazendo. Mas aí eu trabalhava para a classe alta que ia para Esteio. A gente trabalhava pra elas. Aí, de uns anos pra cá a gente pensou: não, não vamos trabalhar para ninguém, nós trabalhamos, é um produto nosso e vamos. Aí foi feito. Agora no dia 6 fez 15 anos que a associação existe. E aí nós montamos a associação e segui. (V.R.F., artesã e presidente da Associação Municipal dos Artesãos, entrevistada no dia 11 de setembro de 2018).

Desse modo, adquiriram maior autonomia na confecção dos produtos. Ao exporem as peças nas feiras, receberam também maior reconhecimento como autoras diretas do trabalho. Passam a responder por elas mesmas. Identificaram-se nas peças que produziam. Empoderaram-se economicamente por meio de seus ofícios.

Fundada em 4 de setembro de 2004, por uma mulher e artesã, a Associação Municipal dos Artesãos teve como propósito primeiro a articulação dos artesãos de Jaguarão como forma de reforçar sua atuação no mercado e assegurar sua voz ativa perante as garantias políticas.

Era uma jovem, nessa época, tinha vinte e poucos anos, e ela era muito inquieta e muito apegada a essas coisas de grupos e aí ela teve a ideia, partiu dela, e ela convidou todos os artesãos que tinham em Jaguarão. Foi fundada com mais de 20 artesãos. E ao longo desses 14 anos, muitos entraram e saíram. (M.C.R., artesã da Associação Municipal dos Artesãos, entrevistada no dia 24 de setembro de 2018).

A associação inicialmente contava com os diversos tipos de artesanato produzidos no município. Atualmente, segundo os dados coletados durante a pesquisa, conta com apenas 12 artesãs que realizam trabalhos com a técnica de Jacquard.

Segundo Herrmann (2015, p. 13), sobre a Associação Municipal dos Artesãos,

A Associação consiste em um ponto de apoio para as artesãs, local onde a trabalhadora artesanal pode expressar seu trabalho. Lugar onde a artesã pode ter incentivo e força, pois através dessa pode se discutir e buscar alternativas para fortalecer e desenvolver o trabalho artesanal.

Pela Economia Solidária, que no município de Jaguarão mostra-se como uma alternativa para facilitar a manutenção do Jacquard, o empreendimento *As Cardadeiras*,

integrado por duas das artesãs entrevistadas, conta aproximadamente com 2 anos. Atualmente a artesã C.R.D. dirige o grupo sozinha, após a integrante W.A.F. deixar a cidade de Jaguarão. Suas vendas se dão majoritariamente por encomendas e feiras, além de um site que comercializa as peças.

Iniciando na Associação Municipal dos Artesãos, as duas artesãs decidiram expandir os negócios no artesanato através da Economia Solidária. No momento da primeira entrevista, realizada no ano de 2017, ambas mantinham vínculo com a associação, entretanto, atualmente, trabalham apenas pela Economia Solidária.

Foi através da associação, ela já era da economia solidária só que eles não estavam praticando e aí a Secretaria do Desenvolvimento Econômico chamou todos os artesãos, querendo reunir, para participar da Economia Solidária, que não seria uma economia capitalista, onde na capitalista existe patrão e empregados, já na Solidária, todos são patrões ao mesmo tempo empregados mesmo trabalhando num grupo só, onde se dariam cinco segmentos que seriam: A cadeia da lã, cadeia do PET, a cadeia do Osso, a Cadeia de frutas nativas, e as da reciclagem, então estas são as cadeias na Economia Solidária e tem o pessoal da agricultura familiar que seguem esta mesma. (W.A.F., integrante do grupo As Cardadeiras, vinculado à economia solidária, entrevistada no dia 16 de setembro de 2017).

A Economia Solidária é definida em um sentido mais amplo por Guérin (2002, p. 13): “Ela agrupa o conjunto das iniciativas econômicas privadas (isto é, autônomas em relação ao Estado) que apostam mais no interesse coletivo e na solidariedade que na busca do lucro.”. Como demonstrado anteriormente pela autora, as dificuldades enfrentadas pelas mulheres no mercado são minimizadas pela economia solidária, principalmente, ao oferecer espaços para expressar reivindicações e pressões públicas, além de auxiliar a mediação entre vida profissional e vida familiar.

Tanto em virtude da Associação Municipal dos Artesãos, quanto pela Economia Solidária, as mulheres, quando unidas por razões coletivas, compartilham do suporte necessário para o empoderamento individual. Em âmbito econômico e profissional, os grupos permitem ainda a facilitação financeira, onde todos prosperam de forma igualitária e formam-se pilares mútuos, e a luta social conjunta por medidas igualitárias realmente eficazes.

Assim, a presença de grupos femininos para realizar os trabalhos em Jacquard confere às artesãs expandir seus horizontes, tanto econômicos quanto sociais e políticos. E assim, pode-se considerar que o Jacquard enquanto artesanato, como fonte primária de todas as relações construídas, os espaços conquistados e as memórias mantidas, atua como vetor de empoderamento, proporcionando voz às mulheres que o confeccionam.

5.3. Artesanato em Jacquard na perspectiva de um vetor socioeconômico

Em muitos aspectos o artesanato em Jacquard representa um vetor socioeconômico para o município. Como visto, a comercialização das peças é uma prática geradora de renda para as artesãs, atuando também como meio para estender seus círculos sociais e, principalmente, preservar a identidade, a memória e a herança cultural das mulheres de Jaguarão.

Como cita Herrmann (2015, p. 13),

[...] o artesanato feito com lã é uma forma de geração renda para a cidade. A lã vem direto do produtor, é tratada e processada na comunidade jaguareense. Nota-se que a dificuldade em manter a técnica, advém da falta de interesse das pessoas em explorar novas possibilidades e novos meios de subsistência, pela ausência de pretensão de ir a frente para mudar a condição econômica e social.

A oferta de cursos sobre a técnica possibilita a qualificação e profissionalização aos moradores locais. Desse modo, representa uma forma de alavancar a economia e, conseqüentemente, minimizar problemas sociais, proporcionando geração e emprego, além de, através da cadeia cíclica de fatores, a circulação de renda em todo o município. Na Associação Municipal dos Artesãos, há cursos de Jacquard voltados, em especial para a população de baixa renda do município.

Entretanto, as artesãs indicaram a falta de interesse da população local em aprender a técnica, em razão da demora e do empenho empregados na confecção das peças. Os cursos realizados objetivam ensinar todo o processo de trabalho com a lã, desde o preparo do novelo até a prática do crochê Jacquard, etapa final. Segundo a artesã V.R.F., a situação se aplica a todas as camadas sociais.

Elas acham: ‘tem que lavar’, ‘tem que fiar’, ‘vai demorar muito’. Às vezes nem começaram e já dizem: ‘vai demorar’. [...] Não adianta eu fazer o curso e já levar o fio pronto, e depois quando elas forem trabalhar em casa como elas vão trabalhar? se elas não souberem desde os primeiros passos? tem que aprender, desde os primeiros passos, que é limpar, porque a lã, na verdade, o velo sujo, é um horror de trabalhar, mas tem umas pessoas que gostam, tem outras que não gostam, mas é um terror porque é aquele cheiro de urina, aquelas coisas assim, mas tem que aprender desde o começo, para poder ter êxito. (V.R.F., artesã e presidente da Associação Municipal dos Artesãos, entrevistada no dia 11 de setembro de 2018).

Portanto, apesar da oferta de cursos gratuitos para ensino da técnica de Jacquard, que apresenta-se como uma alternativa rentável e leva à profissionalização como artesão, é notável o desinteresse. Tal fator não apenas desestimula as próprias artesãs, ministrantes dos cursos, mas também dificulta sua transmissão.

Observa-se também que a comercialização das peças de Jacquard e tecelagem em lã natural, promovem a circulação de capital entre moradores da zona rural e urbana do município. A lã, sendo a principal matéria-prima desse artesanato, é inteiramente produzida em Jaguarão.

Pela Associação Municipal dos Artesãos, a lã é comprada na Cooperativa, e estimula os ovinocultores cooperados, uma vez que aumenta suas vendas. Já na Economia Solidária, a compra de lã tem um papel ainda mais significativo enquanto vetor socioeconômico, pois o grupo de artesãs de tecelagem e Jacquard compra diretamente dos pequenos produtores, agricultores familiares e quando possível, dos próprios criadores de ovinos vinculados à Economia Solidária.

As artesãs citaram ainda a intenção de estimular os ovinocultores a confeccionarem as peças em tecelagem e Jacquard diretamente, a partir da lã produzida, e comercializarem-as como produto final. Desse modo a renda gerada seria maior e a técnica seria passada à mais pessoas.

[...] incentivar que os produtores continuem produzindo as ovelhas, registrar as ovelhas para ter uma lã de qualidade, não é questão de quantidade, é mais é qualidade, grupos pequenos e lotes grandes e aí a gente faz todo aquele processo, desde quando a ovelha nasce e começa a cuidar dela a produzir a lã e aí fazem a tosquia e aí nós fazemos a lavagem e aí entram por exemplo as artesãs até o próprio produtor mesmo ele pode ser um artesão se ele quiser fazer com que isso aí faça parte do grupo da agricultura familiar que aí todos os componentes da família faz esse processo de fazer a tosquia, de lavar, de cardar, fiar e produzir as peças porque nas propriedades seria o foco maior que teria um retorno era eles produzirem peças tipo exportação e não assim: “eu produzo a ovelha aí manda para a Cooperativa e a Cooperativa manda para a fábrica [...] (W.A.F., integrante do grupo As Cardadeiras, vinculado à economia solidária, entrevistada no dia 16 de setembro de 2017).

Conforme demonstrou o presidente da Cooperativa de Lãs Mauá, durante a entrevista, a ovinocultura enfrentou um período de crise, onde os valores de comercialização da lã e da carne ovina não supriam os gastos com a manutenção dos rebanhos. Outros fatores também dificultavam a criação de ovinos na região, como os predadores (cachorros, javalis), o alto

índice de abigeato⁵, e principalmente, a expansão da monocultura de soja, diminuindo os campos para a ovinocultura.

Como destaca Caldeira (2018), em seus estudos sobre os impactos da soja no modo de vida do peão campeiro e da paisagem cultural, também realizados no município, a monocultura vem atingindo negativamente não apenas a atividade pecuária, mas também a composição cultural de Jaguarão, em razão de uma produção puramente capitalista. Seus estudos apontam que a soja realmente atinge o modo de vida campeiro, característico da região.

Os principais fatores apontados nas entrevistas são a diminuição da área de pecuária e o aumento da área do cultivo de soja, a falta de emprego decorrente desse processo, a destruição da vegetação, e salientam a importância da pecuária para a execução da profissão de peão campeiro. (CALDEIRA, 2018, p. 43).

Assim, a confecção de peças com a lã produzida pode ser trabalhada no próprio local de criação dos ovinos. Desse modo os produtores recebem uma renda maior, além de expandirem sua linha de produção e repassarem a técnica novamente.

Igualmente, a criação de ovinos como forma de produção de lã para a confecção das peças pelas artesãs também é uma possibilidade, como no caso a seguir relatado:

Nós temos uma colega nossa que ela foi a Farroupilha e eles produzem as ovelhas, são produtores mesmo, [...] ela sempre tira foto dos cordeirinhos quando nascem. Ela tem a Ideal 1⁶ e tem a Merino⁷. Só tem em Piratini. Então, ela produz tudinho, então são todos selecionados, todos têm numeração, aí eles produzem as peças e as peças que vão para venda. Ela não vende a ovelha, ela não vende a lã, ela vende somente as peças, ela faz exposição na “Gaúcho e Prenda”⁸, ela tem ali, então são peças únicas e a pessoa não vai encontrar peças iguais, então se agrega bastante valor, quando se tornam assim, peças únicas, agrega bastante valor [...]. (W.A.F., integrante do grupo As Cardadeiras, vinculado à economia solidária, entrevistada no dia 16 de setembro de 2017).

Quando comercializadas, as peças, criadas a partir da expressão da artesã, através de uma técnica incomum e herdada por mulheres, de geração a geração, as peças em tecelagem

⁵ Crime que envolve furto de animais.

⁶ Segundo dados da Associação Brasileira de Criadores de Ovinos, a raça Ideal é originária da Austrália, produzindo uma lã do tipo Amerinada.

⁷ Pelos relatos da entrevista junto ao presidente da Cooperativa de Lãs Mauá, a lã Merina corresponde ao tipo mais espesso, pouco utilizada para peças de vestuário.

⁸ Gaúcho e Prenda corresponde a uma loja de artigos e vestuário típicos da cultura gaúcha, localizada na cidade de Pelotas.

adquirem uma maior valorização. Apesar de demandar maior tempo e dedicação para confecção, as peças abarcam um valor maior.

O nosso carro chefe seria por exemplo seriam as peças confeccionadas com a lã, porque nós não temos o intuito de vender a lã cardada, a lã fiada, porque não tem um retorno, não tem muito retorno, sabe, então o produto que a gente trabalha é justamente para vender a peça final, que são cobertores, juanas, palas, blusões, até produtos, por exemplo, de casa, design de casa [...]. (W.A.F., integrante do grupo As Cardadeiras, vinculado à economia solidária, entrevistada no dia 16 de setembro de 2017).

Considerando a quantia arrecadada com a venda direta da lã, e o valor ganho na comercialização das peças confeccionadas a partir da tecelagem, cuja vantagem econômica é notável, os produtores aumentariam sua renda a partir dos trabalhos artesanais. Como as artesãs relataram, o processo de preparo da lã compensa seu lucro apenas quando utilizado na tecelagem, tornando a venda dos novelos uma prática de baixo retorno.

Por conta da zona franca, estabelecida na fronteira com a cidade de Rio Branco - Uruguai, o município de Jaguarão recebe, em maior número, um fluxo turístico destinado ao segmento de compras. Assim, percebe-se nesses turistas clientes em potencial para a comercialização das peças em lã natural, e até mesmo sua confecção como *souvenir*.

O *souvenir*, entendido como símbolo para evocação de lembranças, comercializado no setor turístico, desperta o interesse dos turistas. Como demonstram Horodyski, Manosso e Gândara (2014) em seus estudos sobre o *souvenir*, o próprio artesanato produzido pelos moradores locais, comercializado para turistas, configura um *souvenir* na perspectiva conceitual.

Demonstrando as características históricas e culturais do destino, as peças confeccionadas em Jacquard são formas de inserir as artesãs no círculo econômico do turismo, de maneira socioculturalmente sustentável. Contribui para a manutenção da técnica enquanto bem cultural e memória, uma vez que sua produção reflete uma atividade ainda presente na rotina dos moradores locais, dando visibilidade ao conjunto cultural de Jaguarão e valorizando seu modo de vida, sem interferir diretamente na cadeia geral de produção do artesanato, evitando a perda das identidades envolvidas no processo.

A seguir, na figura 10, são mostrados chaveiros confeccionados pelas artesãs da Associação Municipal das Artesãs, como exemplo de peças que podem ser comercializadas como *souvenir*.

Figura 10 - Chaveiros no formato de boinas confeccionados em crochê.



Fonte: Acervo da autora (2018).

Ficou evidente, ao longo da pesquisa, que a possibilidade de comercialização de *souvenirs* e contato com o turista é dificultado, principalmente, pela ausência de mediação entre as artesãs e o fluxo turístico. A falta de visibilidade e de divulgação das peças confeccionadas e as dificuldades apresentadas para estabelecer um ponto de comercialização na atual sede do grupo, cedida pela prefeitura, e localizada no interior do prédio da Secretaria do Desenvolvimento Econômico, tornam inviável o contato.

A necessidade de um local apropriado e maior divulgação sobre a produção em lã natural e suas peculiaridades como característica da cidade são fatores que prejudicam o desenvolvimento de laços entre as artesãs e o público turístico em potencial. Como indicado durante a entrevista, receber um espaço para a exposição de seus produtos em um local de maior fluxo turístico aumentaria sua visibilidade e, conseqüentemente, a valorização da herança cultural do município como um todo.

O Mercado Público de Jaguarão, que no presente momento está em vias de reabertura, poderá proporcionar um ambiente ideal, apresentando o enlace da atmosfera cultural com a memória contida em cada peça confeccionada pelas artesãs, além de ofertar em si próprio, um atrativo turístico importante no município. De forma a valorizar as impressões culturais da cidade e expressar aspectos da composição do modo de vida da população local, a

disponibilização do espaço seria também incrementado pela presença da técnica, estabelecendo uma relação de mútuo benefício cultural.

Desse modo, a inserção da atividade turística para as artesãs e no meio rural se daria indiretamente, permitindo a preservação do modo de vida dos moradores, comercializando apenas o produto final de suas lidas campeiras. A circulação de renda aumenta a partir do turismo, bem como a visibilidade e a valorização dos fazeres culturais. A preocupação dos moradores do meio rural com a modificação da identidade seria também minimizada, uma vez que sua comercialização não afetaria o desempenho de suas atividades rotineiras.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração da pesquisa permitiu uma imersão no mundo das artesãs, ao qual, no decorrer de seus caminhos metodológicos, proporcionou uma experiência surpreendente e repleta de significados. Assim, possibilitou uma melhor compreensão da relação entre o Jacquard, como memória, identidade e bem cultural e as artesãs que participaram da realização da pesquisa.

O estudo teve como principal finalidade a compreensão do processo de confecção do crochê Jacquard, de forma a percebê-lo como expressão da memória, identidade e forma de empoderamento feminino. Desse modo, traçou-se uma análise do objeto de pesquisa a fim de perceber sua influência na construção da imagem feminina jaguareense.

Assim, realizou-se uma revisão sobre o conceito de herança cultural, memória e identidade, relacionando-os com o Jacquard. Percebeu-se então suas peculiaridades, compostas pelas diferentes etnias que a moldaram, tornando-se um híbrido. Sua representatividade enquanto memória feminina resguarda a lembrança das lutas sociais travadas por suas antepassadas, integrando a identidade das mulheres, além de configurar um fazer característico do município, agregando os aspectos históricos de sua formação rural. Representa as origens rurais de Jaguarão, influenciadas pela ovinocultura, atividade pecuária praticada na região, sendo assim considerado patrimônio.

Como ferramenta de empoderamento das mulheres artesãs, o Jacquard simboliza a trajetória feminina na reivindicação de seu espaço no mercado, bem como sua emancipação da figura masculina, fruto da estrutura patriarcal, ainda dominante na sociedade atual, e seu protagonismo perante a constituição de sua própria identidade. As ações femininas coletivas, através de associações e grupos, dão voz às mulheres, permitindo maior atuação política e mobilização para a conquista de espaço.

Percebeu-se, através dos relatos, que a presença do Jacquard na vida das mulheres entrevistadas possibilitou sua emancipação, através da profissionalização e geração da própria de renda. Age ainda como propagador da memória de suas antepassadas, cujas constituições culturais eram abafadas pelas figuras masculinas, valorizando sua herança cultural e tornando-as protagonistas na formação de sua identidade. Os grupos estabelecidos contribuíram também ao intensificar sua força política e ampliar seus horizontes sociais.

A transmissão da técnica é essencial para sua manutenção enquanto memória, sendo esta uma importante ferramenta de autoconhecimento e de identidade. Ademais, a preservação da herança cultural de um grupo, especialmente os socialmente oprimidos, como as mulheres

ao longo de sua história, influi na proteção de seus direitos humanos, correspondendo a uma importante fonte de expressão. O ensino e a difusão dos conhecimentos femininos acerca da técnica de Jacquard reflete a dignidade das mulheres artesãs como pessoas humanas e protagonistas da constituição de uma identidade cultural própria.

Percebeu-se a mobilização das artesãs por sua transmissão através dos cursos oferecidos e dos registros escritos sobre o seu passo a passo, origem e características essenciais. Entretanto, foram evidenciadas, durante a pesquisa, dificuldades para a preservação da técnica, como a falta de incentivo do poder público e o pouco interesse dos moradores locais em aprender a técnica. Nota-se a pouca mobilização por parte do poder público para contribuir com a manutenção do Jacquard. Como parte integrante da bagagem cultural do município, a técnica deve ser mantida e valorizada, a fim de garantir a preservação de sua história, a memória feminina que a compõe e, principalmente, cumprir com os direitos fundamentais, assegurando a dignidade cultural e a resguarda da identidade dos moradores locais, herdeiros e possuidores desse fazer.

Constatou-se que o artesanato em lã natural através da técnica de Jacquard é também um vetor social no município, atuando na circulação de renda e na qualificação dos moradores locais. Envolvendo diferentes setores e utilizando apenas produtos jaguarenses, a renda gerada com a comercialização das peças atinge tanto a zona rural quanto a zona urbana. Seja com a utilização da lã da Cooperativa de Lãs Mauá, ou ainda mais com o uso da lã produzida por empreendimentos rurais de pequeno porte, o artesanato, que pode ser produzido diretamente pelos produtores, age na movimentação das engrenagens econômicas do município. Configurando também uma profissão, ele qualifica pessoas das mais diversas camadas sociais, contribuindo para a diminuição da pobreza.

A possibilidade de comercialização das peças como *souvenir* também demonstra uma forma de inserir as artesãs e os ovinocultores jaguarenses no círculo econômico do turismo, contribuindo socialmente, e provocando sua valorização e visibilidade enquanto patrimônio e modo de vida local. Dessa forma, também, poderia evitar maior interação entre o turista e a população local, a fim de diminuir os riscos ocasionados pela exposição direta do seu modo de vida, que afeta a autenticidade dos seus fazeres e ameaçando sua identidade cultural.

Para o turismo, as problemáticas sociais e culturais são sempre fatores que interferem diretamente em sua realização. Sua prática sustentável age também como forma de manutenção e de valorização dos conjuntos culturais nos destinos, promovendo, da mesma forma, a melhor percepção cultural da própria população local sobre seus bens.

A tecelagem em lã natural como a técnica de Jacquard são bens culturais do município, podendo ser visto assim como um atrativo turístico que reflete a constituição histórica e cultural da identidade dos moradores locais. Também como uma característica específica do município na região, pelo trabalho completo com a lã natural.

Dessa forma, a pesquisa demonstra, de modo geral, a atuação e a importância da técnica de tecelagem em lã natural Jacquard para o município de Jaguarão e sua real contribuição para a ascensão social da mulher artesã. Como foco central, considera-se que não apenas como fonte materializada da memória feminina e da identidade cultural das mulheres jaguarenses, mas como símbolo de suas conquistas e mecanismo para a valorização e elevação da autoestima e emancipação das artesãs. Assim, intui-se a explanação de uma perspectiva crítica sobre os valores sociais e culturais do Jacquard, demonstrando uma face pouco exposta e analisada até o momento, reverberando na comunidade através da exposição de sua importância para o município.

Os estudos feitos demonstraram alguns aspectos do artesanato em lã natural, entretanto, ainda devem ser analisadas, posteriormente, novas perspectivas sobre o assunto. As entrevistas realizadas junto às artesãs restringem-se aos grupos já conhecidos e que, com o tempo, tomaram maior visibilidade. Contudo, houve indicações de outras artesãs que trabalham tipos diferentes de tecelagem de forma individual e nas regiões rurais do município. Houve também pouco contato com os ovinocultores produtores de lã, devido ao pouco tempo para realização da pesquisa. Como objeto de estudo pouco abordado e carente de material bibliográfico específico, foram várias as características percebidas que devem ser analisadas com mais profundidade no meio acadêmico.

A viabilidade da comercialização das peças enquanto *souvenir* deve ser considerada como forma de intensificar sua visibilidade como bem cultural. A relação constituída entre Brasil e Uruguai na ovinocultura, em decorrência das fronteiras, é outra panorama a ser traçado para identificar as raízes da prática da tecelagem e suas peculiaridades resultantes do intercâmbio cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2009. Disponível em: <<http://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Industria-Cultural-e-Sociedade-Adorno.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2018.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2011.

BAQUERO, Rute Vivian Angelo. Empoderamento: questões conceituais e metodológicas. In: **Revista Debates**. Núcleo de Pesquisas sobre a América Latina/UFRGS. Porto Alegre: Vol. 1, nº 1, dez. 2005. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/redes/article/view/10843>>. Acesso em: 16 nov. 2018.

BARBOSA, Ana Mae. Uma questão de política cultural: mulheres artistas, artesãs, designers e arte/educadoras. In: 19º ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS “ENTRE TERRITÓRIOS”. **Anais...**, Cachoeira, 2010, p.1979-1988. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/ceav/anna_mae_tavares_bastos_barbosa.pdf>. Acesso em: 26 out. 2018.

BARBOSA, Vera Lucia; D’ÁVILA, Maria Inácia. Mulheres e artesanato: um ‘ofício feminino’ no povoado do Bichinho/Prados-MG. **Ártemis**, Paraíba, v. 17, n. 1, p.141-152, jun. 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/18122>>. Acesso em: 08 set. 2018.

BRAMANTE, Antonio Carlos. Lazer: concepções e significados. **Licere**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p.9-17, 1998. Disponível em: <<https://seer.ufmg.br/index.php/licere/article/view/4229>>. Acesso em: 9 nov. 2018.

BRUNO, Regina et al. Organização produtiva das mulheres assentadas da reforma agrária. In: BUTTO, Andrea; DANTAS, Isolda. **Autonomia e cidadania: Políticas de organização produtiva para as mulheres no meio rural**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2011. p. 55-84. Disponível em: <<https://exposicao.enap.gov.br/items/show/245>>. Acesso em: 25 out. 2018.

CALDEIRA, Alef Franco. **O peão campeiro e a paisagem cultural: estudo sobre os impactos da monocultura da soja em Jaguarão, RS..** 2018. 54 f. TCC (Graduação) - Curso de Gestão de Turismo, Universidade Federal do Pampa, Jaguarão, 2018.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CASTRO, Amanda Mota Angelo; BECKER, Márcia Regina; EGGERT, Edla. Técnica e Arte: Trabalho artesanal produzido por mulheres e sua (in)visibilidade social. In: VIII CONGRESSO IBEROAMERICANO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E GÊNERO, 2010, Curitiba. **Anais...** . Curitiba: UTFPR, 2010, p. 1-9 . Disponível em: <<https://docplayer.com.br/10705337-Tecnica-e-arte-trabalho-artesanal-produzido-por-mulheres-e-sua-in-visibilidade-social.html>>. Acesso em: 21 set. 2018.

CERQUEIRA, Fábio Vergara. Novas diretrizes para a proteção do patrimônio: a diversidade cultural e o imaterial. **Métis: história & cultura**, Caxias do Sul, v. 12, p.40-63, dez. 2012. Disponível em: <<http://ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/download/2337/1394>>. Acesso em: 08 set. 2018.

COSTA, Luciana de Castro Neves; GASTAL, Suzana de Araújo. **Turismo e paisagem cultural: para Pensar o Transfronteiriço**. In: IV SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL: SABERES E FAZERES NO TURISMO: INTERFACES. 2010, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2010. p. 1-14.

FUCKS, Patrícia Marasca; SOUZA, Marcelino de. Turismo no espaço rural e preservação do patrimônio, da paisagem e da cultura. In: SANTOS, Eurico de Oliveira; SOUZA, Marcelino de. **Teoria e prática do turismo no espaço rural**. Barueri: Manole, 2010. Cap. 7. p. 96-108.

GEPEC/COAGRO (Brasil). Diretoria de Pesquisas. **Produção da pecuária municipal 2016**. [s.l.]: Ibge, 2017. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/media/com_materialdeapoio/arquivos/ea77821e06cad1457f9b35c1abe2137f.pdf>. Acesso em: 31 out. 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª edição, São Paulo: Atlas, 2008.

GUÉRIN, Isabelle. **As mulheres e a economia solidária**. São Paulo: Loyola, 2003.

HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: Palavras-Chave da Antropologia Transnacional. **Mana: estudos de antropologia social**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, abr. 1997.

HERRMANN, Miriel Bilhalva. **Associação dos artesãos de Jaguarão-RS: a manutenção da técnica de tecelagem/crochê jacquard como afirmação das identidades**. 2015. 20 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharelado em Produção Política Cultural, Universidade Federal do Pampa, Jaguarão, 2015. Disponível em:

<<http://cursos.unipampa.edu.br/cursos/cultura/files/2016/09/miriel.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2018.

_____. **Reflexões sobre o trabalho e a cidadania das artesãs de Jaguarão/RS**. 2017. 23 f. Monografia (Especialização) - Curso de Curso de Especialização em Direitos Humanos e Cidadania, Universidade Federal do Pampa, Jaguarão, 2017. Disponível em: <<http://dspace.unipampa.edu.br:8080/bitstream/rii/2417/1/MirielBilhalvaHerrmann2017.pdf>>. Acesso em: 5 dez. 2018.

HORODYSKI, G.; MANOSSO, F.; GÂNDARA, J. M. A pesquisa narrativa na investigação das experiências turísticas relacionadas ao consumo de *souvenirs*: uma abordagem fenomenológica. **Revista Turismo em Análise**, v. 25, n. 1, p. 203-230, 30 abr. 2014. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/80713>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

LEÓN, Magdalena. El empoderamiento de las mujeres: Encuentro del primer y tercer mundos en los estudios de género. **Revista de Estudios de Géneros: La Ventana**, Guardalajara, v. 2, n. 13, p.94-106, 2001. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5202169>>. Acesso em: 29 out. 2018.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Lazer: Concepções e Significados. **Licere**, Minas Gerais, v. 1, n. 1, p.9-17, jan. 1998. Disponível em: <<https://seer.ufmg.br/index.php/licere/article/view/4229>>. Acesso em: 8 nov. 2018.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2010.

MIRANDA, Andrea Cristina Lisboa de. A MULHER ARTISTA NA IDADE MÉDIA: CONSIDERAÇÕES E REVELAÇÕES ACERCA DO SEU LUGAR NA HISTÓRIA DA ARTE. **Revista Científica/ FAP**, Curitiba, v. 1, jan./dez. 2006. Disponível em: <<http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/1736>>. Acesso em: 26 out. 2018.

OLIVEIRA, José Carlos Franco de. **A ovinocultura como prática pedagógica e agregação de valores**. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense, 2012. Curitiba: SEED/PR., 2014. V.1. (Cadernos PDE). Disponível em: <www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=20>. Acesso em 20 nov. 2018.

SILVA, Márcia Alves da. Abordagem sobre trabalho artesanal em histórias de vida de mulheres. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 55, p.247-260, jan/mar. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n55/0101-4358-er-55-00247.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2018.

SINGER, Paul. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2013. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fpabramo.org.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/22/Introducao-economia-solidaria-WEB-1.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 07 dez. 2018.

SIQUEIRA, Ana Elizabeth Souza Silveira de. **Empoderamento de mulheres agricultoras: possibilidades e limites de um projeto de desenvolvimento rural no semiárido baiano**. Salvador: UFBA, 2014. Disponível em: <<http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/2015%20mestrado%20UFBA%20Ana%20Elizabeth%20Siqueira.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2018.

UNESCO. **Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural**. 2002. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2018.

VIANA, João Garibaldi Almeida; WAQUIL, Paulo Dabdab; SPOHR, Gabriela. Evolução histórica da ovinocultura no rio grande do sul: comportamento do rebanho ovino e produção de lã de 1980 a 2007. **Revista Extensão Rural**, Santa Maria, v. 20, jul./dez 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/extensaorural/article/view/5548>>. Acesso em: 29 ago. 2018.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2011

Endereços Eletrônicos

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE OVINOS. **História**. Disponível em: <<http://www.arcoovinos.com.br/index.php/mn-associacao/mn-historia>>. Acesso em 20 ago. 2018.

ATLAS SOCIOECONÔMICO RIO GRANDE DO SUL. **Ovinos**. Disponível em: <<https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/ovinos>>. Acesso em 18 nov. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Jaguarão**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/jaguarao/pesquisa/18/16459?tipo=ranking&indicador=16562>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Produção Pecuária Municipal**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/pesquisa/18/16459>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

Figuras

ABREU, Raphael Lorenzeto de. **Mapa localizador da cidade de Jaguarão no Rio Grande do Sul**. 2006. Mapa. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Jaguar%C3%A3o#/media/File:RioGrandedoSul_Municip_Jaguarao.svg>. Acesso em: 15 nov. 2018.

ASSOCIAÇÃO MUNICIPAL DOS ARTESÃOS. [Sem título]. 2013. fotografia.

ATLAS SOCIOECONÔMICO RIO GRANDE DO SUL. **Efetivo de ovinos, média 2013-2015 - RS**. 2017. Mapa. Disponível em: <<https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/ovinos>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

KMUSSER. **Mapa mostrando a bacia de drenagem do Rio de la Plata, incluindo os principais afluentes e cidades**. 2010. Mapa. Disponível em: <<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Riodelaplatabasinmap.png>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

ANEXO

Declaração do Jacquard como Patrimônio Cultural e Imaterial de Jaguarão.



CÂMARA MUNICIPAL DE JAGUARÃO
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

"Sua 1ª Legislatura teve início em 22 de maio de 1833".

Lei Ordinária 6416/2016

Declara Patrimônio Cultural e Imaterial
Autoria: Roseli Calvetti.

O Senhor Prefeito Municipal de Jaguarão.

FAÇO SABER, que o Poder Legislativo decretou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º - É declarado de Patrimônio Cultural e Imaterial o trabalho artesanal em jacquard desenvolvido pelas artesãs de Jaguarão.

Art. 2º - Esta declaração de Patrimônio Cultural e Imaterial acarretará medidas especiais de proteção e preservação, por parte do Governo Municipal, seja mediante ações de incentivo, seja pelo aporte de recursos públicos de qualquer ordem.

Art. 3º - As medidas de proteção visarão possibilitar a melhor forma de permanência dessa manifestação cultural, com suas características e dinâmicas próprias, resguardando sua integridade e sua expressividade.

Art. 4º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Jaguarão, 4 de novembro de 2016.

José Cláudio Ferreira Martins

Prefeito Municipal